



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

HUGO FELIPE SOUZA NASCIMENTO

**SAÚDE MENTAL E FUTEBOL: OS CONHECIMENTOS
REFERENTES À SAÚDE MENTAL DE PROFESSORES QUE
ATUAM COM O FUTEBOL**

BELÉM – PA

2021

HUGO FELIPE SOUZA NASCIMENTO

**SAÚDE MENTAL E FUTEBOL: OS CONHECIMENTOS
REFERENTES À SAÚDE MENTAL DE PROFESSORES QUE
ATUAM COM O FUTEBOL**

Trabalho de Conclusão de Curso como pré-requisito parcial para a obtenção de graduação em Licenciatura em Educação Física pela Faculdade de Educação Física da Universidade Federal do, sob orientação da Prof. Ms. Joselene Mota.

BELÉM - PA

2021

HUGO FELIPE SOUZA NASCIMENTO

**SAÚDE MENTAL E FUTEBOL: OS CONHECIMENTOS
REFERENTES À SAÚDE MENTAL DE PROFESSORES QUE
ATUAM COM O FUTEBOL**

BANCA EXAMINADORA

Prof^o. Ms. Joselene Ferreira Mota - Orientadora
Curso de Licenciatura em Educação Física UFPA/GUAMÁ

Prof^o. Ms. Osvaldo Galdino dos Santos Júnior – Avaliador
Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da
Universidade Federal do Pará – PPGED/UFPA (2018).

Prof^o. Dr. Wellington Costa Pinheiro - Avaliador
Curso de Licenciatura em Educação Física UFPA/GUAMÁ

*Dedico este trabalho aos meu país, irmão,
meu tio Fabrício e camaradas que nunca
soltaram a minha mão, salve a todos vocês!*

AGRADECIMENTOS

Começo meus agradecimentos exatamente as 02:02 da madrugada do dia 08/10/2021. No início do meu trajeto eu não sabia o que estava fazendo, eu apenas estava. Isso muito por conta de nunca ter sido um bom aluno na escola, se autocriticar não é tarefa fácil, mas o amadurecimento muda nossos pensamentos e atitudes. Em meados de 2014 após sair do ensino médio eu me deparei com um cenário vazio e me sentia como se tivesse sem norte. Não tinha nada pré-estabelecido em mente sobre qual profissão eu queria seguir, porém, sempre fui apaixonado por esporte especificamente o futebol/futsal e tinha também uma curta ligação com a natação. Fatores fundamentais na escolha do curso de Educação Física ou Fisioterapia.

A partir disso, um certo dia já cansado de me sentir sem rumo, cheguei com a minha mãe e disse: quero estudar, quero fazer faculdade me matricula em um cursinho de pré-vestibular e assim se deu o ponta pé inicial da minha trajetória a fim de ingressar em alguma universidade. Com isso, começo meus agradecimentos propriamente dito com as pessoas mais importante nessa caminhada:

Minha mãe e meu pai, os principais responsáveis em me proporcionar está aqui hoje escrevendo o quanto sou grato pelos esforços deles para que eu chegasse até aqui. Não foi fácil conseguir a vaga na universidade, mas os meus pais nunca soltaram a minha mão e nunca deixaram de acreditar que era possível, com jeitos totalmente diferente seguiram firme comigo. Após alguns anos de cursinho finalmente a vaga no curso de Educação Física era realidade.

Aos amigos, eu não ia deixar de citar as grandes amizades que fiz na época do cursinho que serviram como impulso e estímulo para eu conquistar a vaga na universidade. É importante dizer que foram pessoas que nunca deixaram de me ajudar de diversas formas, com os compartilhamentos referente aos conhecimentos que cada um tinha, com uma conversa de incentivo e muitos momentos de afeto. Então, quero deixar registrado minha gratidão ao amigos-camaradas Celso dos Santos, Anselmo Seixas, Derick Pastana, Emanuely Magno, Carol Pantoja, Brenda Sacramento, Ruan Castro, Cris, Marcos e entre outros que de alguma forma fizeram parte disso.

Aos colegas de Faculdade, meus agradecimentos a esses camaradas de turma e de vida Jefferson Dornelas, Luiz Felipe, Rafael Cardoso meu grupo de trabalhos/tarefas inseparáveis nas demandas coletivas. Além, dos camaradas Tayan Rogerio, Anderson Muller,

Deyvison Oliveira, Gabriel Moutinho, Alyson Cadeth, Andrei Chagas, Marise Costa e Murilo Nunes e outros que se alongaram comigo nesses 5 anos de Universidade Federal do Pará. Foram muitas resenhas, trabalhos, parceria, compreensão e muita demonstração de afeto, além de vários escapes de rotina no nosso espaço de entretenimento vadião.

À minha avó Zeca e as minhas tias Leda e Cristina, foram pessoas que fizeram parte disso e sempre tiveram na comissão de frente (torcida e apoio), pelo meu progresso e foram pessoas que cuidaram de mim em vários momentos.

Ao meu tio Fabricio, que não está mais em vida conosco, foi meu amigo para tudo e nunca se isentou de me ajudar nessa batalha. Falar do meu tio é difícil por ele ter partido tão precocemente, mas foi uma pessoa que em vida fez muito por mim, pela minha mãe, pelo meu irmão e por todos aqueles que era possível ajudar de alguma forma. A pessoa que chegou radiante de alegria ao saber que eu tinha conseguido a vaga na universidade, além, de ser a pessoa que me deu a notícia da aprovação, confeccionou camisas na mesma hora referente a aprovação, para minha mãe e pai e uma pra mim que até hoje guardo com muito carinho. Então, deixo meus agradecimentos a ele que deixou um legado, memórias e experiências vivas em minha trajetória.

Ao meu avô Nicolau que também não está mais em vida, mas está em memórias. Uma pessoa que viu de perto minhas incansáveis noites em claro estudando e sempre dizia que eu merecia passar na universidade, porque eu era muito esforçado e ficava muito tempo estudando. Uma pessoa que ficava preocupado com o horário da prova do ENEM, dizia que eu não poderia me atrasar para não correr o risco de perder o horário da prova e que eu tinha que sair bem cedo.

Aos professores e professora Conceição, Welington e Douglas, professorxs que nos primeiros anos de curso tive a oportunidade de trabalhar como bolsista na secretaria e no ginásio da Faculdade de Educação Física (FEF), onde tive inúmeras experiências de trabalho, como trabalhos administrativos e muitas experiências no ginásio com os jogos internos.

À banca examinadora composta pelos professores, Welington e Osvaldo Galdino de alto nível de conhecimentos. Só agradecer aos professores por terem aceitado o convite de compor a banca examinadora.

Agradeço imensamente ao Projeto Academia e Futebol da UFPA no qual fiz parte como bolsista por dois anos, que vem sobe gerencia do Grupo Linha de Estudo e Pesquisa em Educação Física, Esporte e Lazer LEPEL/UFPA, onde estou lotado como integrante. Deixo em registo minha gratidão por esse projeto e grupo de estudo que me proporcionaram a chance de sistematizar as minhas inquietações sobre a temática saúde mental e futebol. E

agradeço ao nosso camarada e Professor Wagner Matias coordenador do projeto Academia e Futebol que nos deixou recentemente, foi uma perda imensa para Educação Física e para a pesquisa como um todo, obrigado por inquietar a todos com esse maravilhoso projeto.

E por fim não posso deixar de mencionar a professora Joselene Mota, mulher de luta e uma excelente professora que sempre está buscando seu trato humanizado com os alunos, professora que topou orientar o desenvolvimento desse trabalho. A responsável em proporcionar as melhores oportunidades acadêmicas, como a oportunidade de fazer parte de projeto de extensão, grupos de estudos e compartilhando sempre vários momentos de afeto e não posso negar que foi e é a minha principal referência de docência.

A mamãe UFPA também deixo a gratidão por contribuir na minha vida profissional e pessoal. Vários momentos foram vividos nesse espaço de ensino, pesquisa e extensão. Um lugar de debate e investigação, bem como um espaço de muitos afetos e crescimento em várias partes da vida, lugar de luta, de diversidade, um lugar de viver coisas novas. Viva a universidade pública, ela é do povo!

Finalizo dizendo que mesmo não sendo um aluno focado na época de escola e pegando isso como recorte da minha história de vida, eu não consigo mudar a história e não me arrependo de nada, mas é importante lembrar que todos nós conseguimos repensar a história, nossos recortes e atitudes. E a educação é um caminho que nos ajuda a repensar e é uma ferramenta de transformação pessoal e social. E por fim agradeço ao efeito que a educação pode assumir na vida das pessoas.

*“É necessário sempre acreditar
que o sonho é possível
Que o céu é o limite
e você, truta, é imbatível
Que o tempo ruim vai passar
é só uma fase
Que o sofrimento alimenta
mais a sua coragem
Que a sua família precisa de você
Lado a lado se ganhar
pra te apoiar se perde”*

NASCIMENTO, H. F. S. Saúde Mental e Futebol: **Os conhecimentos referentes à saúde mental de professores que atuam com o futebol.** 2021. Monografia (Graduação em Licenciatura em Educação Física) - Faculdade de Educação Física FEF/ICED, UFPA, Belém, Pará.

RESUMO

O presente trabalho traz como questão: quais os conhecimentos referentes à saúde mental de professores que atuam com o ensino do futebol? e tem como objetivo analisar os conhecimentos referentes à saúde mental de professores que atuam com futebol. O caminho metodológico partiu de uma breve revisão bibliográfica, em seguida uma aproximação com a pesquisa de campo. Os sujeitos são cinco professores que atuam em clubes e projetos sociais, espaços localizados em Outeiro distrito de Belém/PA, Belém/Pa, Ananindeua/Pa, Castanhal/Pa. Os resultados demonstram que os professores abordam os conhecimentos da psicologia na sua formação de maneira simplificada, bem como, tentam inserir os conhecimentos teóricos/práticos do tema no seu trabalho pedagógico e ainda enxergam limitações referente a prática do futebol e saúde mental. Conclui-se ao final de nossa pesquisa, que os conhecimentos sobre psicologia/saúde mental são elementos integrados ao trabalho pedagógico do professor com o ensino do futebol, porém, dependendo da sua organização pode influenciar na subjetividade do sujeito de modo positivo e/ou negativo.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia; Saúde mental; Juventude; Futebol.

ABSTRACT

The present work raises the question: what is the knowledge regarding the mental health of teachers who work with football education? and aims to analyze the knowledge related to mental health of teachers who work with soccer. the methodological path started with a brief bibliographical review, followed by an approach to field research. The subjects are five teachers who work in clubs and social projects, spaces located in Outeiro district of Belém/PA, Belém/Pa, Ananindeua/Pa, Castanhal/Pa. The results demonstrate that teachers approach the knowledge of psychology in their training in a simplified way, as well as try to insert the theoretical/practical knowledge of the subject in their pedagogical work and still see limitations regarding the practice of soccer and mental health. It is concluded at the end of our research that knowledge about psychology/mental health are elements integrated to the teacher's pedagogical work with soccer teaching, however, depending on its organization, it can influence the subject's subjectivity in a positive and/or negative way.

KEY-WORDS: Psychology; Mental health; Youth; Soccer.

LISTA DE TABELAS

TABELA 01: PERFIL DO PROFESSOR	44
TABELA 02: CAMPO DE ATUAÇÃO.....	45

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	4
2	CAPÍTULO I: ASPECTOS HISTÓRICOS DA PSICOLOGIA: GÊNESE E EVOLUÇÃO	10
2.1	As faces da psicologia na história e antiguidade clássica	10
2.2	Contextualização histórica para o surgimento das escolas psicológicas	16
2.3	Teoria Histórico-cultural	26
3	CAPÍTULO II: ADOECIMENTO MENTAL NA JUVENTUDE: UMA MAL CONTEMPORÂNEO	30
3.1	Transtornos mentais infantojuvenil	30
3.2	Depressão e ansiedade	34
3.3	Saúde e Educação Física	39
4	CAPÍTULO III - SAÚDE MENTAL E FUTEBOL: Conhecimentos e inter-relações da psicologia e futebol	42
4.1	Conhecimentos inerentes a psicologia na formação do professor	46
4.2	Conhecimentos dos professores a respeito do futebol e saúde mental.	51
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS:	61
6	REFERÊNCIAS	65
	APÊNDICE	68

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa “Saúde mental e futebol: os conhecimentos referentes à saúde mental de professores que atuam com futebol” podem ser trabalhados em diversos campos, ou seja, campo das ciências humanas, biológicas e sociais. Com isso, o trabalho do curso de Licenciatura em Educação Física da UFPa vai se debruçar na problemática da saúde mental, futebol e juventude. Visto que, a EF em uma visão mais sistêmica se encontra em várias áreas do conhecimento, a exemplo a área de ciência da educação e ciências biológicas, para o desenvolvimento do trabalho levamos em conta principalmente as ciências da Educação que constituem em:

as Ciências da Educação constituem uma «família», cujos objectivos centrais são: «descrever, explicar, compreender, levantar novos problemas teórico-práticos, e justificar os processos internos e os condicionamentos de qualquer prática educativa ou formativa, quer atendendo a níveis de interacção como os que se verificam no frente a frente entre educador e educando, quer atendendo aos níveis mais amplos, como os de gestão e administração organizacional ou de administração política e económica do sistema educativo. As Ciências da Educação compete, ainda, analisar a evolução, tanto presente como passada, das referidas práticas educativas e formativas, bem como contribuir para a elaboração de um conjunto de saberes e de técnicas que suportem cientificamente as decisões, aos mais diversos níveis, destinadas a melhorar os condicionalismos, os processos e os efeitos daquelas práticas, contrapondo-se às “receitas” geralmente sem base, do senso comum, e tomando uma atitude crítica contra os obstáculos de qualquer ordem que impeçam aquelas melhorias. Para alcançar estes objectivos, a teoria e a prática constituem o cerne das Ciências da Educação» (AMADO, 2011, p. 50 *apud* BOAVIDA; AMADO, 2008, p.197-198).

O interesse pelo tema se deu com o passar do tempo quando comecei a perceber e ouvir com frequência que várias pessoas das mais próximas até as mais distantes estavam adoecendo mentalmente por diversos motivos. Um exemplo disso, que pode justificar a minha inquietação acerca da problemática é de acordo com dados referentes ao ano de 2015 da Organização Mundial da Saúde (OMS).

Os transtornos mentais comuns referem-se a uma série de ansiedade e transtornos depressivos. Um resumo da prevalência global e regional da OMS de esses distúrbios são mostrados abaixo. Globalmente, é estimado que 4,4% da população global sofrem de transtorno depressivo e 3,6% de transtorno de ansiedade. Existe uma variação modesta em torno desta taxa global de prevalência na OMS Regiões: para depressão, as taxas variam de 3,6% na região do Pacífico Ocidental para 5,4% na Região Africana; para transtornos de ansiedade, as taxas variam de 2,9% na região do Pacífico Ocidental para 5,8% na Região das Américas. (OMS, 2017, p.12)

Ainda com os dados da OMS, por meio do relatório *Depression and Other Common Mental Disorders* (2017, p.18), afirma que o Brasil é o país com maior prevalência

de pessoas adoecidas com depressão na América Latina, cerca de 5,8% da população vulnerável a doença e ficando atrás apenas do Estado Unidos da América que é o país com a maior predominância de sujeitos depressivos, com cerca de 5,9% da população nas Américas. Além disso, a OMS ainda por meio do seu relatório confirma que o Brasil é o país com maior incidência de transtornos de ansiedade, sendo recordista mundial em relação aos problemas com os números de 9,3% da população afetada pela problemática.

Por outro lado, a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2017, p. 14), mostra a partir da estimativa mundial em relação a saúde uma avaliação ampla da mortalidade que notamos ser bem preocupante, sendo fruto de doenças e lesões para todas as regiões mundiais, ou seja, alarmando acerca da consequência mais extremas do adoecimento mental. Em 2015, cerca de 788 000 de pessoas morreram por conta do suicídio e vale ressaltar que isso representou 1,5% do total de morte no mundo. Assim, levando para o topo das 20 principais causas de morte em 2015 e ainda informa que foi a segunda principal causa de morte entre as idades de 15 a 29 falando mundialmente.

E se falarmos de saúde mental no cenário pandêmico, dialogamos que a pandemia vem como um dispositivo capaz de intensificar o problema. Segundo o Ministério da Saúde em um estudo preliminar detectou um aumento significativo de ansiedade (86,5%), e uma moderada apresentação de estresse pós-traumático (45,5%), e baixa extensão de depressão (16%), em sua forma mais grave. O estudo é fruto a partir de uma investigação com 17.491 sujeitos com idades média de 38,3 com variação entre 18 e 92 anos. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020).

O Brasil reforça na Organização Mundial da Saúde (OMS), a importância da atenção à saúde mental no período atual por meio de uma resolução denominada de “Preparação e resposta em saúde mental no contexto da pandemia da COVID-19”. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021).

Vamos falar da terminologia “transtorno” que é termo um termo usado no presente trabalho, com a discussão acerca dos transtornos mentais infantojuvenil e também será muito frequente nos debates. Segundo a (OMS, 1993) a partir do capítulo V da obra CID-10, que fala sobre a classificação de transtornos mentais e de comportamento, ou seja, uma literatura elaborada com intuito de descrições clínica e diretrizes diagnóstica usada apenas para alguns fins (clínicos, educacionais e assistenciais de maneira geral).

Outro ponto ainda da CID-10 (1993), é referente a um glossário bem mais curto pontuando a problemática do transtorno. Sendo imposto pelo capítulo V para a própria CID-

10, porém, é ressaltado no livro que somente é adequado para utilizações baseadas em codificações e/ou escreventes, não sendo indicação de uso para os sujeitos que atuam na área da saúde mental, como psicólogos, psiquiatras etc. Além disso, conforme a Classificação de Transtornos Mentais e de comportamento da CID-10 (1993, p.3): “[...] A CID-10, como um todo, foi estruturada para ser uma classificação central ("nuclear") para uma família de classificações relacionadas à doença e à saúde [...]. Com isso, agora colocamos em pauta o que foi definido em relação ao termo “transtorno” de acordo com as palavras a seguir:

O termo "transtorno" é usado por toda a classificação, de forma a evitar problemas ainda maiores inerentes ao uso de termos tais como "doença" ou "enfermidade". "Transtorno" não é um termo exato, porém é usado aqui para indicar a existência de um conjunto de sintomas ou comportamentos clinicamente reconhecível associado, na maioria dos casos, a sofrimento e interferência com funções pessoais. Desvio ou conflito social sozinho, sem disfunção pessoal, não deve ser incluído em transtorno mental, como aqui definido. (CID-10, 1993, p.5).

Por outro lado, a modalidade futebol me ensinou muitos valores pessoais como perder, ganhar e me ensinou a ter respeito e disciplina. O futebol sempre esteve presente na minha trajetória seja por meio das mídias sociais ou por meio da prática a partir do futebol pelada com os jogos e brincadeiras com os pés em campinos e até mesmo nas ruas como coloca (SCAGLIA,1995; 1996; 1999a; 1999b; 2003).

Nossas crianças, inconformadas com a obrigatoriedade de se jogar sempre da mesma maneira, metamorfosearam o futebol moderno, reinventaram um novo futebol a partir de uma infinidade de pequenos jogos que utilizavam para brincar nos campinhos e terrenos baldios. Quem nunca jogou uma rebatida, ou então: três dentro e três fora, tenteio, golzinho, gol caixote, bobinho, embaixadinha, casquinha, levanta a saia, gol de cabeça, controle, linha, driblinho, cada um por si, timinho.... (SCAGLIA, 2011, p.2).

Com a minha entrada na Universidade Federal do Pará no curso de licenciatura em Educação Física eu tive a oportunidade de ser membro do grupo LEPEL/UFPa (Linha de Estudo e Pesquisa em Educação Física, Esporte e Lazer). Com isso, surgiu a chance de trabalhar com o Futebol no projeto de extensão Academia e Futebol como bolsista, onde conseguir juntar as minhas inquietações, paixões e transformá-las em pesquisas sistematizadas.

Concomitante a tudo que já foi dito, um fator pessoal que foi determinante na escolha dos objetos de pesquisa, foi a necessidade de juntar aquilo que eu gosto com um momento pessoal de aflição em relação a saúde mental de um familiar de grande importância para a minha vida. A situação começou a partir de vários motivos pessoais e se agravou com a perda de um outro familiar muito próximo para a violência, a partir disso chegou à tona a

necessidade de procurar ajudas médicas e uso farmacológico para tratar acerca dos problemas mentais.

Diante das experiências empíricas e das inquietações acadêmicas durante o curso de graduação em Educação Física e atuação no Projeto de Extensão Academia e Futebol da UFPA (parceria com a Secretaria Nacional de Futebol e Direitos do Torcedor do Ministério da Economia) como monitor, que o tema da Saúde Mental atrelado ao contexto do Futebol e da Educação Física foi determinante para a escolha do Trabalho de Conclusão de Curso, assim a pergunta científica do estudo foi: quais os conhecimentos referentes à Psicologia/Saúde Mental os professores de Educação Física que atuam no Futebol possuem para a sua atuação docente?

O Objetivo geral do TCC está centrado em investigar e analisar os conhecimentos referentes à Psicologia/Saúde Mental dos professores de Educação Física que atuam no Futebol possuem para a sua atuação docente?

Já os Objetivos Específicos foram: a) abordar os elementos históricos e da psicologia enquanto ciência e sua interface com o esporte, e b) contextualizar conceitualmente a saúde mental e os tipos de transtornos mentais que afetam a juventude, c) interpretar o conhecimento referente à psicologia/saúde mental dos docentes

O tema de estudo em questão parte do cenário atual em que mundo se encontra, enfrentando as imposições que a pandemia da COVID 19 nos causou, o futuro mais do que nunca, é uma incerteza, as subjetividades e a necessidade de humanização pela sociabilidade humana tem nos gerado todos os dias novos desafios. Tratar do tema da Saúde Mental tanto pelo viés social e acadêmico é a busca de entender, minimamente, como lidar com o comportamento humano diante de tantos desafios. No contexto, da Educação Física isso se torna mais latente, já que é um campo de atuação, geralmente, coletivo. Daí a articulação do tema com o Futebol. Por ser algo do meu interesse pessoal de atuar profissionalmente.

O Brasil historicamente foi considerado o país do futebol, hoje ainda é visto com uma potência futebolística, isto é, a nação ainda vem semeando jogadores tecnicamente e taticamente inteligentes. Entretanto, o espaço de soberano dentro do futebol nos últimos tempos foram ficando difícil de sustentar, pois vários países foram se tornando grandes escolas dentro do âmbito do futebol.

Um exemplo disso é ilustrado por (THIENGO, 2011, p. 20 *apud* DUARTE, 1998; CUNHA, 2002; Leite, 2010), afirmando que em dezenove edições da maior competição do

futebol, a copa do mundo ficou bem dividida entre a Europa e América do sul com seguintes números de títulos:

as seleções nacionais europeias conquistaram dez títulos da Copa do Mundo (Itália 1934, 1938, 1982 e 2006; Alemanha 1954,1974 e 1990; Inglaterra 1966, França 1998 e Espanha 2010), enquanto os países sul-americanos obtiveram êxito em nove ocasiões, com Brasil (1958, 1962, 1970, 1994 e 2002), Uruguai (1930 e 1950) e Argentina (1978 e 1986). (THIENGO, 2011, p. 20 *apud* DUARTE, 1998; CUNHA, 2002; LEITE, 2010)

As últimas edições do evento com o mau desempenho do brasil só concretizaram a sua perda de hegemonia no futebol, ou seja, perdendo posição no ranking de seleções da FIFA, caindo para a 4ª posição, atrás da Espanha, Holanda e Alemanha respectivamente (THIENGO, 2011, p. 20 *apud* FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE FUTEBOL ASSOCIADOS, 2011). Porém, hoje o Brasil ocupa a 2ª posição no ranking FIFA mostrando novamente sua força no futebol.

Diante desse contexto a pesquisa se apresenta como possibilidade de trabalho de conclusão do curso de licenciatura em Educação Física (EF) da UFPa. Então, a escolha da temática se deu por conta da familiaridade com alguns esportes e em especial o futebol. Junto a isso, há necessidade pessoal de pesquisar e entender mais acerca da problemática da saúde mental um dos assuntos mais delicados no atual cenário nacional e mundial. Além disso, muitos profissionais da saúde consideram uma das principais doenças do século e tem a psicologia como a possível profissão do futuro.

Outrossim, destaca-se, o impulso que essa pesquisa pode acrescentar para uma melhor formação profissional, como um futuro professor de EF, isto é, para a melhoria da atuação docente, uma atuação mais humanizada. Sendo assim, chega à tona a principal relevância pessoal que foi determinante na escolha do tema. Bem como, deixar um legado para a universidade em relação à necessidade de mais projeto e pesquisas que trabalhem em prol dos aspectos da saúde mental para os jovens e com a finalidade de trabalhar em uma relevância social.

A relevância acadêmica nota-se que ainda predomina uma escassez no rol de trabalhos que debruçam sobre o assunto do futebol entrelaçado com a saúde mental. Com isso, há necessidade de ampliar e fortalecer o debate de maneira plena e efetiva sobre a problemática. Diante disso, vai existir a possibilidade de revelar se a prática do futebol é uma boa iniciação para se relacionar com a temática da saúde mental. Assim, o trabalho surge a

princípio como uma hipótese de que os conhecimentos sobre saúde mental é peça chave para o trabalho do professor com o ensino do futebol e no seu trato pedagógico.

Em contrapartida, o presente trabalho se configura como pesquisa de campo, ou seja, estamos classificando de acordo com o *locus* de onde foi coletado os dados.

Tipicamente, o estudo de campo focaliza uma comunidade, que não é necessariamente geográfica, já que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana. Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo. Esses procedimentos são geralmente conjugados com muitos outros, tais como a análise de documentos, filmagem e fotografias. (GIL, 2009)

O trabalho em tela, configura-se em 5 momentos principais e cada momento possui suas questões a fim de trazer os debates da psicologia, saúde mental e futebol. Sendo, a introdução, capítulo I que trata da gênese e evolução da psicologia, capítulo II trazendo à tona a problemática da saúde mental e sua interface com a juventude e o contexto saúde e Educação Física com a ideia central de mostrar a saúde na sua versão mais complexa, capítulo III abordando as análises da pesquisa de campo acerca dos conhecimentos dos professores de EF com indicativo inerente a psicologia na sua formação inicial e continuada, bem como, os saberes teóricos/práticos da saúde mental e sua interação e inserção no ensino do futebol. Por fim, surge as considerações finais fazendo um apanhado sobretudo sobre os limites encontrados no desenvolvimento do presente trabalho, junto ao contexto pandêmico e as relevâncias da pesquisa.

2 CAPÍTULO I: ASPECTOS HISTÓRICOS DA PSICOLOGIA: GÊNESE E EVOLUÇÃO

O primeiro capítulo traz um contexto dos aspectos históricos da psicologia na trajetória da humanidade desde os primórdios com os povos antigos. Sendo assim, tem como função trazer debates sobre a gênese e evolução da psicologia, bem como as faces dela na antiguidade clássica. Com isso, o capítulo tem como foco abordar o surgimento da psicologia com seus elementos históricos, junto a evolução da psicologia enquanto ciência e sua interface com o esporte. Bem como, uma síntese da psicologia na perspectiva Histórico-cultural.

2.1 As faces da psicologia na história e antiguidade clássica

Quando se fala em psicologia podemos facilmente perceber que se trata de trabalhar com desenvolvimento humano, ou seja, saber as características do sujeito na sua faixa etária ou na relação com a cultura. Bem como, quais são as necessidades de cada fase da vida, de cada característica da pessoa de modo geral. Nesse sentido, precisamos entender que as diferenças humanas não se baseiam apenas por dimensões estáveis a faixa etárias (jovens, adultos e idosos), ou de classe social e sim por inúmeros fatores do comportamento humano.

Por isso pode ser difícil trabalhar com a psicologia sem o refúgio da história, da trajetória, do progresso e dos pensamentos humanos ao longo do tempo que ajudaram a formar teorias para melhor entender o ser humano de forma completa (corpo e mente). Diante disso, ressaltamos segundo (BOCK et al., 1999), diz que qualquer produção humana tem por trás o pensamento e a conduta do trabalho de um homem, seja a tecnologia, um objeto ou uma tendência que ajudou a alavancar a ciência. Em outro caminho o homem é responsável por toda teoria que rege uma produção historicamente concreta ou imaterial.

Com isso, é notório que para melhor entender o que nos cerca mentalmente e fisicamente na história, no agora e até mesmo para o futuro temos sempre que resgatar o que passou, não para mudar a história, pois não é possível, mas para repensar. Assim, chegamos ao debate da psicologia que perdura seu mistério de uma plena compreensão da consciência, da mente humana por cerca de dois milênios. Uma psicologia originada no âmbito ocidental desenvolvida a princípio entre os povos gregos (BOCK et al., 1999).

Sabemos a grande importância de compreender/conhecer o gênero humano na sua totalidade. Em função disso, temos as reflexões filosóficas por trás de qualquer teoria matemática, física e de qualquer área do conhecimento existe o pensamento filosófico. Sendo dessa forma, relatamos que o corpo está ligado a várias reações e sensações, o corpo pode sentir emoções.

A psicologia começa a surgir quando há uma preocupação com aquilo que faz parte do sujeito, porém não é corpóreo. Com isso, entendemos que a psicologia não é a condição de ser e estar no universo apenas enquanto corpo, a psicologia transcende os fatos das relações corporais ao redor do sujeito. Nesse sentido, entendemos que a psicologia está mais próxima de uma linguagem de extrema importância como fator cultural dentro do desenvolvimento da produção do conhecimento, isto é, sabendo que a cultura é um fenômeno humano, podemos dizer que a psicologia é uma linguagem corporal capaz de transmitir e trabalhar com diversas sensações e construção do conhecimento.

Para compreender a diversidade com que a Psicologia se apresenta hoje, é indispensável recuperar sua história. A história de sua construção está ligada, em cada momento histórico, às exigências de conhecimento da humanidade, às demais áreas do conhecimento humano e aos novos desafios colocados pela realidade econômica e social e pela insaciável necessidade do homem de compreender a si mesmo. (BOCK et al., 1999, p.2)

Assim, por meio da inquietação de entender a dimensão interna dos sujeitos, chegou à tona a problemática da psicologia engatinhada a partir dos filósofos gregos na antiguidade clássica. Segundo a (BOCK et al., 1999), com o progresso das riquezas na Grécia impulsionando a relações sociais, a arquitetura e a agricultura da época, além dos avanços na física, geometria e nas condutas políticas em geral. Tudo isso que foi dito aproximou os sujeitos da parte espiritual, isto é, a arte e a filosofia.

Com isso, ressaltamos que a arte e a filosofia são formas de manifestações e pensamentos. Sendo assim, a ciência psicológica vem surgindo por meio desses pensamentos filosóficos que norteiam o fazer científico da psicologia, em outras palavras não é possível falar da psicologia isolada do ato de pensar criticamente. E foi dessa forma que Platão e

Aristóteles começaram a pensar a psicologia, como podemos observar de acordo com a (BOCK et al., 1999, p.3) “[...] é entre os filósofos gregos que surge a primeira tentativa de sistematizar uma Psicologia. O próprio termo psicologia vem do grego *psyché*, que significa **alma**, e de *logos*, que significa **razão**. [...]”.

Diante disso, entende-se ainda baseado na (BOCK et al., 1999, p.3), o termo psicologia se configura como o “estudo da alma” e é possível perceber que não se fala só na terminologia alma e sim também do termo espírito que são lados considerados imateriais. Nesse sentido, trazendo aquela ideia já ressaltada que a psicologia surgiu com a necessidade e inquietação de entender o que já faz parte do indivíduo, mas não é carne e sim uma parte de emoções, como afirma (BOCK et al., 1999, p.3) [...] abarcaria o pensamento, os sentimentos de amor e ódio, a irracionalidade, o desejo, a sensação e a percepção. [...]. Lembrando que na antiguidade clássica Platão pensava dualmente, ou seja, o corpo e alma, sendo a alma caracterizando como uma supremacia ao corpo.

Chegamos ao ponto da história em que a psicologia ganhou espaço considerável ainda na antiguidade clássica graças ao impulso dos pensamentos do filósofo Sócrates (469-399 a.C.). Tais formas de compreensão perduraram por muito tempo dentro da humanidade e foram embrionárias da racionalidade científica que predomina a partir do século XVII, ou seja, a razão. Então, podemos lembrar da frase bastante conhecida de Descarte “penso logo existo”, pois para ele apenas o ser humano tinha alma, pensa e por consequência tem sentimentos e aproximando dessa ideia Sócrates corrobora o impulso para a psicologia com os questionamentos já de explicar as situações do homem pela razão, por exemplo:

Sua principal preocupação era com o limite que separa o homem dos animais. Desta forma, postulava que a principal característica humana era a razão. A razão permitia ao homem sobrepor-se aos instintos, que seriam a base da irracionalidade. Ao definir a razão como peculiaridade do homem ou como essência humana, Sócrates abre um caminho que seria muito explorado pela Psicologia. As teorias da consciência são, de certa forma, frutos dessa primeira sistematização na Filosofia. (BOCK et al., 1999, p.3).

Codominante vem à tona Platão (427-347 a.C.), dizia que a alma era prisioneira do corpo e queria se libertar, segundo ele a alma se separava do corpo após a morte ou durante a vida quando se dedicasse à filosofia. Platão ainda dizia que a alma que habitava um corpo frágil tornara-se frágil. Além de salientar que a única coisa capaz de mover o homem a verdade era a razão.

Esse filósofo procurou definir um “lugar” para a razão no nosso próprio corpo. Definiu esse lugar como sendo a cabeça, onde se encontra a alma do homem. A medula seria, portanto, o elemento de ligação da alma com o corpo. Este elemento de ligação era necessário porque Platão concebia a alma separada do corpo. Quando

alguém morria, a matéria (o corpo) desaparecia, mas a alma ficava livre para ocupar outro corpo. (BOCK et al., 1999, p.4).

Percebe-se que os pensamentos de Platão eram matemáticos e mecanicistas, ou seja, ele não encarava o corpo com pensamentos sistêmicos, com características do todo e com uma relação dinâmica entre as partes que forma uma espécie de rede interconectada. Mas, pensava sim com aquela dicotomia do corpo e mente-alma estão separadas e esta forma de pensar não é muito eficaz para discussões complexas como a psicologia, biologia, sociologia e entre outros.

Por outro lado, Aristóteles discípulo de Platão vem na contramão de pensamentos dizendo que corpo e alma não podem ser elementos separados. Com um discurso mais íntegro e mais baseado na ideia de que a alma é sensível ao corpo, isto é, o que ocorre no corpo a alma sente. Isso nos afirma que os dois pensadores possuíam ideia acerca de uma classificação diferente de entender o homem, Sócrates possuía um pensamento mais harmônico entre corpo e a alma, sendo um grande inovador da problemática.

Aristóteles a etimologia *psyché* era um princípio baseado literalmente na vida, ou seja, para ele era uma construção mais ampla da vida, da realidade e criou paradigmas a partir dos pensamentos já existentes dos filósofos anteriores. O filósofo desafiou o pensamento de Platão, pois tal pensamento não era errado, mas não correspondia mais à necessidade de responder às indagações sobre o corpo e alma. Assim, Aristóteles impôs outra forma de pensar e identificamos e afirmamos isso por meio da (BOCK et al., 1999, p.4), que nos mostra o seguinte:

Para Aristóteles, a *psyché* seria o princípio ativo da vida. Tudo aquilo que cresce, se reproduz e se alimenta possui a sua *psyché* ou alma. Desta forma, os vegetais, os animais e o homem teriam alma. Os vegetais teriam a alma vegetativa, que se define pela função de alimentação e reprodução. Os animais teriam essa alma e a alma sensitiva, que tem a função de percepção e movimento. E o homem teria os dois níveis anteriores e a alma racional, que tem a função pensante.

Entende-se, portanto, que tudo isso antecede o que se conhece como psicologia científica. Os gregos deram o ponta pé inicial acerca dos debates e engatinham para o que é conhecido como psicologia científica, com as teorias ressaltadas de Platão e Aristóteles sobre corpo e alma. Sendo respectivamente a teoria platônica e aristotélica, uma no qual separa a alma do corpo após a morte e a outra afirmando que alma está associada sempre ao corpo até mesmo após a morte e dessa forma voltamos a dizer que a psicologia é aquilo que já faz parte do homem, porém não é corporal.

Posteriormente temos o império Romano uma nova hegemonia partindo para a soberania de uma grande parte da Grécia e Oriente Médio. A época foi marcada pela força do cristianismo, tornando-se uma dominação política e corroborando de maneira efetiva a religião na Idade Média. “[...] Uma das principais características desse período é o aparecimento e desenvolvimento do cristianismo — uma força religiosa que passa a ser a força política dominante. [...]” (BOCK et al., 1999, p. 5).

Com a predominância do cristianismo a igreja adotava o discurso de que a alma do homem pertence somente a deus. Sendo assim, é notório identificar que na Idade Média todas as coisas eram sagradas, a natureza, o mundo era explicado a partir do que a igreja dizia e aquilo que não era corporal também, observamos, “[...] E falar de Psicologia nesse período é relacioná-la ao conhecimento religioso, já que, ao lado do poder econômico e político, a Igreja Católica também monopolizava o saber e, conseqüentemente, o estudo do psiquismo. [...]” (BOCK et al., 1999, p.5-6).

Outrossim, destaca-se, dois filósofos da época Santo Agostinho (354-430) e São Tomás de Aquino (1225-1274), representaram o debate acerca do corpo e alma, voltando ao pensamento de Platão da separação entre corpo e alma, Santo Agostinho usufruía do mesmo. Porém, com a diferença que alma era uma amostra divina do homem e uma dádiva que ligava o mesmo a Deus. Em contrapartida, com uma instabilidade em um determinado momento do período entre homem e igreja, devido a uma série de fatores, como um fragmento do catolicismo e o surgimento do protestantismo com a condução para o capitalismo a partir da revolução francesa e industrial na Inglaterra. (BOCK et al., 1999).

Com isso, São Tomás de Aquino que defendia puramente a questão do corpo/carne e mente/religiosidade, buscou refúgio na teoria da distinção o entre essência e existência de Aristóteles para tentar coibir o problema. A ideia dele era resgatar a hegemonia abalada da igreja e colocar o que a igreja dizia em maestria novamente acerca da problemática psíquica.

Como o filósofo grego, considera que o homem, na sua essência, busca a perfeição através de sua existência. Porém, introduzindo o ponto de vista religioso, ao contrário de Aristóteles, afirma que somente Deus seria capaz de reunir a essência e a existência, em termos de igualdade. Portanto, a busca de perfeição pelo homem seria a busca de Deus. (BOCK et al., 1999, p.6).

Por outro lado, falamos agora de um momento que de forma significativa intensificou o debate do corpo, da psicologia e caminhou sobre a questão da ciência. Esse período é conhecido como Renascimento, iniciado por cerca de dois séculos após a morte do

filósofo São Tomás de Aquino, um período que teve uma valorização do corpo o qual passa a ser o centro do mundo e com a ciência começando a surgir. Vale lembrar que o período obteve a exploração de novas terras que até então eram caminhos que nunca tinham sido explorados.

O mercantilismo leva à descoberta de novas terras (a América, o caminho para as Índias, a rota [pg. 35] do Pacífico), e isto propicia a acumulação de riquezas pelas nações em formação, como França, Itália, Espanha, Inglaterra. Na transição para o capitalismo, começa a emergir uma nova forma de organização econômica e social. Dá-se, também, um processo de valorização do homem. (BOCK et al., 1999, p. 7)

Percebe-se, que no Renascimento há uma consolidação na valorização do homem. Um exemplo disso, a época foi marcada pelo surgimento dos anatomistas (desenhavam o corpo). “[...] Leonardo da Vinci pinta o quadro *Anunciação*; em 1484, Boticelli pinta o *Nascimento de Vênus*; em 1501, Michelangelo esculpe o *Davi*; e, em 1513, Maquiavel escreve *O Príncipe*, obra clássica da política. [...]”. (BOCK et al., 1999, p. 7). Além disso, ainda com (Bock et al., 1999, p,7).

As ciências também conhecem um grande avanço. Em 1543, Copérnico causa uma revolução no conhecimento humano mostrando que o nosso planeta não é o centro do universo. Em 1610, Galileu estuda a queda dos corpos, realizando as primeiras experiências da Física moderna. Esse avanço na produção de conhecimentos propicia o início da sistematização do conhecimento científico — começam a se estabelecer métodos e regras básicas para a construção do conhecimento científico.

O homem renascentista explicava o mundo por meio da razão e ciência, diferente de épocas anteriores que explicava a partir da igreja no caso da Idade Média. Bem como, entendemos que o corpo humano passou a ser objetos de estudo para a arte e ciência, isto é, admirado e investigado, sendo uma luz para a razão. E nesse período também houve uma grande contribuição para a evolução da ciência de René Descarte (1596-1659), separando a mente e corpo, a mente para ele era superior e representava agora um caráter cognitivo.

afirmando que o homem possui uma substância material e uma substância pensante, e que o corpo, desprovido do espírito, é apenas uma máquina. Esse dualismo mente-corpo torna possível o estudo do corpo humano morto, o que era impensável nos séculos anteriores (o corpo era considerado sagrado pela Igreja, por ser a sede da alma), e dessa forma possibilita o avanço da Anatomia e da Fisiologia, que iria contribuir em muito para o progresso da própria Psicologia. [pg. 36] (BOCK et al., 1999, p,7-8).

Como já foi discutido anteriormente uma breve introdução acerca do pensamento de Descarte com a frase “penso logo existo”, voltamos a debater e aprofundar tal. Para ele, somente e exclusivamente o homem é um ser pensante com alma e sentimentos (felicidade, tristezas e entre outros). Além disso, debatia que todo o movimento humano seria explicado pelas leis físicas e dos animais igualmente, contudo, a diferença é que o homem possui

sentimentos. Sendo assim, compreendemos com Descarte que enquanto corpo e movimentos somos máquinas semelhantes aos animais.

2.2 Contextualização histórica para o surgimento das escolas psicológicas

Antes de contextualizar as primeiras escolas que surgiram com intuito de trabalhar com a psicologia, temos que entender um pouco sobre o fazer científico. Vale lembrar que existe diferentes formas de conhecimento, temos o saber do senso comum, temos o saber das artes, da filosofia e o saber científico, todas essas formas explicam as coisas diferente. Então, para falamos de ciência precisamos passar pelo mundo que cerca o senso comum, as situações que acontecem no cotidiano, ou seja, debruçar na falta de fundamentação das condutas, das falas que ocorrem no dia a dia das pessoas.

E para isso seguimos a partir de (BOCK et al., 2009), que diz quando se trata de fazer ciência o ponta pé inicial é partir da realidade do cotidiano e fazendo o processo de reflexão sobre a mesma. Além disso, é também se afastar da realidade a fim de ir além da sua aparência e aprofundar na essência das coisas para melhor entendimento e criando a realidade em objeto de estudo e possibilitando fazer ciência, mas também se aproxima, pois a ciência é a realidade concreta. Ainda (BOCK et al. 2009, p.17) “[...] para melhor compreender isso, pense na abstração (no distanciamento e no trabalho mental) que Newton teve de fazer para, partindo da fruta que caía de cada árvore (o fato do cotidiano), formular a lei da gravidade (explicação científica) [...]”;

o fato é que a dona de casa, quando usa a garrafa térmica para manter o café quente, sabe por quanto tempo ele permanecerá razoavelmente quente sem fazer nenhum cálculo complicado e, muitas vezes, desconhecendo completamente as leis da termodinâmica. Quando alguém em casa reclama de um problema digestivo, ela faz um chá de boldo- que é uma planta medicinal já usada pelos avós dos nossos avós-, sem, no entanto, conhecer o princípio ativo de suas folhas nas doenças hepáticas e sem nenhum estudo farmacológico. (BOCK et al. 2009, p.18)

Acima observamos o que é conhecido como senso comum, ou seja, como já foi ressaltado é a falta de fundamentação para explicar as noções, entretanto, como qualquer

dialética onde as coisas se definem pelos seus opostos, temos o que é conhecido como senso crítico que já se configuram como a capacidade do questionar e analisar as noções de forma objetiva e racional. Assim, temos outras formas que também se baseiam no senso comum e no senso crítico como o dogmatismo ingênuo (senso comum), porém existem também a dimensão crítica, como o dogmatismo crítico que acredita que a verdade é atingida pela razão. Diante disso, lembramos de dogmatismo baseia na certeza da verdade e sabemos também que a verdade é relativa.

Sendo assim, existiu vários filósofos como Sócrates, Platão e Aristóteles e entre outros que já se preocupavam com a questão do corpo e da alma. No entanto, para se considerado ciência ou até mesmo já usando o termo psicologia científica era necessário avançar em relação aos questionamentos filosóficos da época. E para isso há a necessidade de adotar medidas a fim de tornar algo que possa ser considerado científico, em outras palavras algo que fosse observável, medido e manipulado para que seja possível fazer especulações, generalizações etc.

Assim, antes do século XIX, o homem tentou compreender e estudar a si mesmo por meio da especulação, da intuição e da generalização, partindo das próprias experiências. Quando passou a empregar a observação e a experimentação para estudar a natureza humana, a Psicologia tornou-se independente da Filosofia, consolidando-se como ciência. (PAINI; ROSIN; CAMBAÚVA, 2012, p.62).

Isso nada mais é a lógica da dedução, porém, historicamente a ciência não pode garantir que a generalização era totalmente verdade, visto que ela ao longo do tempo se modificou. A mesma situação acontecia com a intuição, os cientistas intuía muito para poder generalizar algo e foi assim que a ciência pensava, se uma determinada situação deu certo com um número pessoas, também iria funcionar com todas, sendo diferente de hoje, afirmando:

Somente esse tipo de conhecimento, porém, não seria suficiente para as exigências de desenvolvimento humano. O ser humano, desde os tempos primitivos, foi ocupando cada vez mais espaço no planeta, e somente esse conhecimento intuitivo seria muito pouco para que ele dominasse a Natureza em seu próprio proveito. Com o tempo, esse tipo de conhecimento foi-se especializando cada vez mais, até atingir o nível sofisticado que permitiu ao ser humano conquistar o espaço sideral. A esse tipo de conhecimento chamamos de **ciência**. (BOCK et al., 2009, p.19).

Com isso, voltamos a dizer como medida de reforço que a ciência surge da filosofia, a partir da característica que a filosofia possui de provocar o pensar, porém em um determinado período da história torna-se independente a exemplo da psicologia. A ciência é o trabalho de observação, manipulação e comprovação, sabemos que para tudo isso seja

verdadeiro sempre termos o pensar da: a) educação, b) corpo, c) sociedade, d) cultura e de qualquer coisa que o homem desenvolva, experimente e mensure. Um exemplo é a cultura modifica quando o sujeito desconfia do padrão e começam a fazer as coisas diferentes a medida de transforma e consolidar novos padrões e a ciência caminha também nessa ideia transformando as coisas em objetos de estudo.

Com as palavras (BOCK et al. 2009), a ciência configura-se a partir de diversos fatos ou aparências da realidade, no qual é denominado de objeto de estudo. Além disso, tais conhecimentos precisam ser planejados e pensado de maneira sistemática e com um rígido sistema de controle para que a construção seja fidedigna a sua validade. Bem como, “[...] essa característica da produção científica possibilita sua continuidade: um novo conhecimento é produzido sempre a partir de algo anteriormente desenvolvido. Negam-se, reafirmam-se, descobrem-se novos aspectos, e assim a ciência avança[...]” (BOCK et al. 2009, p.20).

Partindo do que já foi falado e como as coisas precisam se configurar para o saber científico, entramos no saber da psicologia propriamente dita. A psicologia vem evoluindo enquanto ciência ao longo da história, e quando estamos falando de forma cultural a respeito da ciência psicológicas, percebemos que assim com a cultura falamos de meios onde o corpo, mente, experiências e comprovações estão promovendo a sua invenção.

Com isso (PAINI et al., 2012 *apud* PENNA, 1991) para exaltar o trabalho de vários pensadores que debruçaram a fim da evolução e desenvolvimento da psicologia científica, caracterizando uma divisão para diferenciar o período que foi chamando de pré-científico do período científico. Sendo uma configuração pré-científica de acordo com as diversas sociedades (primitiva, grega, greco-romana, romana, medieval e moderna). O período científico, é baseado no âmbito social e sociedade atual, quando a psicologia foi reconhecida enquanto ciência, século XIX.

Nesse sentido, apresentamos as diversidades da psicologia com seus objetos de estudo.” [...] A psicologia, que como a antropologia, a economia, a sociologia e todas as ciências humanas, estuda o ser humano. [...]” (BOCK et al. 2009, p.21), bem como com ainda:

Se dermos a palavra psicologia a um psicólogo comportamentalista ele dirá: “O objeto de estudo da psicologia é o comportamento humano”. Se a palavra for dada a um psicólogo psicanalista, ele dirá: “O objeto de estudo da psicologia é o inconsciente”. Outros dirão que é a consciência humana, e outros, ainda, a personalidade. (Bock et al. 2009, p.21).

Trabalhar com desenvolvimento humano tem que saber as características do sujeito na sua faixa etária ou na relação com a cultura, além de quais são as necessidades de cada fase da vida e de cada característica da pessoa. A psicologia enquanto área científica é relativamente recente, a psicologia tem uma passagem em vários recortes da história, mas, a psicologia mais avançada vai surgir no final do século XIX, historicamente isso é recente.

Muito se fala sobre a diversidade de objetos da psicologia e muitos atribuem essa diversidade ao fato de a psicologia ter se desenvolvido como ciência muito recente (final do século XIX), quando a comparada a ciências exatas. Muitos argumentam que não foi possível ainda a construção de **paradigma** confiável e convincente que pudesse ser adotado sem receios por todos os psicólogos. (BOCK et al. 2009, p.21).

O comportamento humano sempre desperta interesses, as pessoas sempre se preocuparam com essas coisas da mente por causa da oposição mente e corpo, há uma dedução do ser humano de que não somos só corpo, temos algo a mais e isso deu margem a ideia de alma, de espírito. Isso é pensado na religião, na filosofia, colocando que existe algo que faz a pessoa ter sentimentos, se emocione, chore, sorria e tenha raiva. Então, a explicação para isso vai além do corpo, a maior preocupação em todos os tempos foi e é com aquilo que não é corpóreo.

Reforçando que a psicologia começa a surgir daí. Pois, já existia todo um acúmulo de pensamento sobre a questão da alma e a filosofia debatia muito a alma, uma das grandes expressões da filosofia é explicar aquilo que não tem explicação. Então, hoje a palavra sugere que o homem estude a partir das coisas novas que é a lógica da razão. Assim, entramos no debate acerca dos surgimentos das escolas psicológicas, segundo (WERTHIMER, 1979 *apud* PAINI; ROSIN; CAMBAÚVA, 2012, p. 68).

Como explicita Wertheimer (1979), a Psicologia científica nasceu na Alemanha com Wundt, Weber e Fechner, mas cresceu rapidamente nos Estados Unidos com William James (1842–1910), Edward Titchener (1867–1927) e Edward L. Thorndike (1874–1949), com suas respectivas abordagens: Funcionalismo, Estruturalismo e Associacionismo. Essas teorias passaram a coexistir no século XX com o Behaviorismo, o Gestaltismo e a Psicanálise.

Com isso, temos o fato que marca o nascimento das escolas psicológicas e científicas. Percebemos acima a psicologia científica tem sua origem na Alemanha, ou seja, surgiu a ideia de montar um laboratório para trabalhar com a psicologia e o intuito era estudar a consciência (objeto de estudo). As pessoas tinham que fazer o trabalho de olhar para seu interior a fim de trabalhar com a participação do mesmo em relação as suas sensações e emoções, transparecendo de formar verbal ou fazer alguma coisa que fosse possível criar uma solução para o objeto de estudo. Esse método era conhecido como prospecção.

No século XVII até o final do século XIX se viveu muito uma revolução científica. Quando a psicologia avança nesse aspecto mais científico vai dando origem a uma série de escolas que chamam de tendência que é típico do conhecimento científico iniciando uma determinada forma de pensar e agir em tendência. Essa visão de ciência metódica, mensurável e observável está presente nas 3 escolas da psicologia (estruturalismo, funcionalismo e associacionismo).

Estruturalismo chega com a ideia de estruturar muitas áreas do conhecimento da psicologia, ou seja, é a maneira que se organizar o conhecimento de forma hierarquizada e obedecendo uma ordem para as coisas acontecerem, essa ordem tem uma estrutura do simples ao complexo. Além disso, trabalha com uma análise da consciência em função das suas partes, a finalidade é entender essas partes e a soma dessas partes.

Sendo assim, é uma psicologia que explica o comportamento do sujeito através de problemas clínicos com as estruturas biológicas do sujeito. Então, vemos que explica o comportamento em função dos aspectos biológicos do sujeito, e ainda é baseado no método da introspecção provoca o sujeito para observar o comportamento e descrever para um observador externo aquilo que está ocorrendo e sentindo.

O estruturalismo ou elementarismo é o primeiro grande sistema psicológico e tem como maior representante W. Wundt (1832-1920). Segundo Rubinstein, o objetivo desse sistema é compreender os processos conscientes em seus elementos básicos e descobrir suas leis de conexão. O objeto é a experiência imediata do sujeito e o método é a observação, a experimentação. Entretanto, para Wundt, a psicologia não pode ser só uma ciência descritiva da experiência; assim, ele propõe uma psicologia experimental, que deve analisar os processos elementares do psiquismo, e uma psicologia social, que deve analisar, pelo método comparativo, fenômenos culturais, tais como: a linguagem e a religião, consideradas processos superiores do psiquismo. Entretanto, o que predominou foi sua vertente experimental, calcada na objetividade.(PAINI; ROSIN; CAMBAÚVA, 2012, p. 68).

O funcionalismo também é uma corrente que existe em outras ciências, vem de funcionar. Então é entender como as coisas funcionam, como funciona o nosso comportamento, isso precisa de todo um mecanismo e esse mecanismo tem um funcionamento. Entende-se e compreende-se as coisas a partir do jeito que elas funcionam e é essa a principal ideia do funcionalismo, como que funciona as coisas para que o sujeito apresente um determinado comportamento, como alegria, tristeza, agressividade e entre outros.

Concomitante a isso é que tipo de substância química é liberada para tal comportamento e que tipo de estímulo externo é dado para que o sujeito se comporte de uma forma ou de outra. Então a ideia de estudar o organismo das coisas é estudar o lado funcional.

O objeto de estudo continua sendo a consciência, porém não mais a estrutura e sim o funcionamento. Um exemplo disso, é o comportamento das crianças, sendo que tipo de elementos desperta o gatilho para compreender como ela pensa e age.

Então, é entender o funcionamento da consciência e como ela é despertada, aonde ela pode chegar para realizar um determinado comportamento sensitivo ou emocional, por exemplo. Ou seja, um determinado elemento desperta a possibilidade de diversos comportamentos. Em resumo é compreender o processo de como a mente funciona e tem funções.

O Funcionalismo, cujos principais representantes são J. Dewey (1859-1952), J. Angel (1869-1949) e H. A. Carr (1873-1954), foi influenciado pela teoria evolucionista e, de acordo com esse sistema, os processos psicológicos são pensados não como elementos, mas como processos que têm funções. Assim, seu objetivo é a consciência como atividade, cuja função é a adaptação do sujeito ao ambiente. Seu objeto é a atividade mental (consciência e/ou comportamento) e seu método é a introspecção e a experimentação. Vale destacar aqui que é nessa perspectiva que J. M. Cattell (1860-1944) desenvolve trabalhos na psicologia voltados para a criação de testes e para o estudo das aptidões humanas.(PAINI; ROSIN; CAMBAÚVA, 2012).

O Associacionismo surgindo após as outras escolas na história, aqui já começa a questão da tentativa de compreensão do comportamento humano a partir de teste e esses testes podem ser feitos no modelo animal. Nesse sentido, a partir da psicologia animal e da compreensão de como os animais se comportam que veio à tona a problemática de tentar compreender o comportamento humano. O associacionismo, tentar entender como o comportamento se faz por associação, o elemento mais importante no associacionismo é a aprendizagem.

O termo associacionismo origina-se da concepção de que aprendizagem se dá por um processo de associação das idéias — das mais simples às mais complexas. Assim, para aprender um conteúdo complexo, a pessoa precisaria primeiro aprender as idéias mais simples, que estariam **associadas** àquele conteúdo. (BOCK et al.,1999, p.15).

Afirmamos de acordo com (BOCK, et al.,1999), que o representante maior da escola é Edward L. Thorndike, sendo o pioneiro em relação a elaboração de uma teoria de aprendizagem na psicologia explicando a sua relevância. Outro ponto importante é a sua construção do conhecimento configurava-se a uma concepção de utilidade em relação a tal conhecimento, transcendendo as problemáticas da filosofia que decorre a psicologia.

A escola acredita na impulsão que o sujeito tem de aprender por associação, bem como, acreditava também nos experimentos animais que ainda são usados até hoje com a

zootecnia. Aqui eram feitas experiências por meio de mecanismo que estimulasse o animal a associar diversos elementos que para os memos poderiam ser favoráveis ou contrário.

Um exemplo disso é criar mecanismos para que um animal consiga associar a vontade de comer, de brincar e entre outros. Isso vinculado ao acionamento de um determinado mecanismo com um determinado fim, criado para os animais que de alguma forma associam que se acionar tal mecanismo ele pode conseguir comer ou pode não conseguir se o intuito for a punição. Com a criação da **Lei do Efeito**, por Thorndike que foi de grande importância para a psicologia comportamentalista. “[...]De acordo com essa lei, todo comportamento de um organismo vivo (um homem, um pombo, um rato etc.) tende a se repetir, se nós recompensarmos (efeito) o organismo assim que este emitir o comportamento. [...]” (BOCK et al. 1999, p.15).

Portanto, na psicologia animal era feito a técnica de associação. O associacionismo é baseado no mecanismo de reforço, se entende que determinado estímulo tem um efeito por meio do reforço, ou seja, algo que você consegue e ganha ou que não consegue, não ganha, mas o último não necessariamente chegava a ser considerado como punição. A punição surge depois, não é só não ganhar, além de não ganhar você vai ter uma pena, um castigo, mas ainda não estava dado isso, por enquanto era só o reforço, fez é mérito e não fez não há prêmio.

Isso foi muito usado na psicologia da aprendizagem. Um estímulo externo que ajuda a alcançar o objetivo das pessoas. Objeto de estudo é o comportamento aprendido que se adquire como forma de apoio por meio do mecanismo de reforço e para que haja reforço é preciso que se tenha repetições. Sendo assim, fazer muitas vezes para que se tenha uma consciência de que aquilo é o melhor.

Por outro lado, o comportamento tenderá a não acontecer, se o organismo for castigado (efeito) após sua ocorrência. E, pela Lei do Efeito, o organismo irá associar essas situações com outras semelhantes. Por exemplo, se, ao apertarmos um dos botões do rádio, formos “premiados” com música, em outras oportunidades apertarmos o mesmo botão, bem como generalizaremos essa aprendizagem para outros aparelhos, como toca-discos, gravador etc. (BOCK et al. 1999, p.15).

O comportamento das pessoas no ponto de vista da psicologia precisa de uma observação mais ampla, holística de comportamento, as suas atitudes, afetividade, como os sujeitos se relacionam e a forma como o sujeito não interage também é uma resposta que tem significado e sentido. Dessa forma, após o associacionismo surge o Behaviorismo, basicamente trabalhando ainda com a ideia de reforço e de repetição que são elementos

característicos do associacionismo. Além de ser o caminho que alavancou inúmeras coisas que existem hoje acerca da psicologia.

O Behaviorismo significa comportamento e tem o mesmo como objeto de estudo, com um caráter mais sistêmico. Essa escola trata do comportamento a partir do mecanismo e da necessidade de ter características mais visíveis que pudesse medir, mensurar, testar, imposta pelo americano John B. Watson em 1913 (BOCK et al. 1999).

A projeção era enxergar como o sujeito se comporta, como ele reage e a partir disso contabilizar as respostas e analisar o tempo que leva essa resposta para que o sujeito reaja a uma situação. O tempo que a pessoa leva para responder a uma problemática física e/ou uma verbal, a psicologia agora passa a se preocupar com essas questões, fazendo a dinâmica de mensurar e avaliar. É dessa maneira, que o behaviorismo se relaciona a fim de uma psicologia mais sistêmica, encarado por meio do comportamento observável dando a sua passagem no século XX.

Partindo para a medição do comportamento e para mensurar as respostas conforme a situação, é possível elaborar uma previsão de como o sujeito vai responder a um estímulo de acordo com a grandeza do estímulo. Os estímulos podem se configurar como físico ou não, essa escola vem corroborar e concretizar a psicologia como ciência.

Hoje, não se entende comportamento como uma [pg. 45] ação isolada de um sujeito, mas, sim, como uma interação entre aquilo que o sujeito faz e o ambiente onde o seu “fazer” acontece. Portanto, o Behaviorismo dedica-se ao estudo das interações entre o indivíduo e o ambiente, entre as ações do indivíduo (suas respostas) e o ambiente (as estimulações). (BOCK et al. 1999, P.2).

E junto ao Behaviorismo, existem as escolas psicológicas conhecidas como Gestalt e Psicanálise, por muitos autores são consideradas as mais importantes tendências teóricas no século (Bock et al. 1999). O behaviorismo tem sua evolução muito do Estados Unidos, o associacionismo e behaviorismo trabalham muito com a ideia de curva, olhando para o pico do comportamento do sujeito que pode ser agressivo, alegre, calmo ou um comportamento com movimentos e risos. O behaviorismo trabalha muito com experimento e resposta. E podemos perceber que por meio de alguns experimentos foi possível classificar o que foi chamando de leis comportamentais.

Vamos lembrar um conhecido experimento feito com ratos de laboratório. Vale informar que animais como ratos, pombos e macacos — para citar alguns — foram utilizados pelos analistas experimentais do comportamento (inclusive Skinner) para verificar como as variações no ambiente interferiam nos comportamentos. (BOCK et al. 1999, p.5).

Um ratinho foi colocado na “caixa de Skinner” — um recipiente fechado no qual encontrava apenas uma barra. Esta barra, ao ser pressionada por ele, acionava um mecanismo (camuflado) que lhe permitia obter uma gotinha de água, que chegava à caixa por meio de uma pequena haste. (BOCK et al. 1999, p.6).

Diante disso, confirmamos que o behaviorismo se configura também nas questões de mecanismos e no caminho do reforço, como já visto no associacionismo. Como exemplo, o experimento feito no ratinho acima, a fim de que o ratinho aprenda acionar o mecanismo para que pudesse beber água, isto é, fazendo o ratinho associar a vontade de beber água ao acionamento do mecanismo criado com a finalidade de liberar a água.

Entendemos que um determinado estímulo sempre vem trazendo um efeito por meio de uma ação e reforço, impondo a questão se o sujeito consegue algo, ele também ganha e mostrando segundo (BOCK et al. 2009), que assim operamos ou agimos no mundo com a referência nas consequências que são frutos das nossas ações.

O presente destaque baseia-se agora em função da escola conhecida como Psicanálise de Sigmund Freud (1856-1939). Um médico revolucionário nas questões da mente, suas contribuições significativas são comparadas a Karl Marx na sua jornada e trajetória histórica e sociais. Freud levou as problemáticas psíquicas do sujeito para uma dimensão nunca imaginada antes, trouxe as questões mentais para um campo “obscuro” e nunca explorado, ou seja, trabalhou com aquilo que podemos colocar como o “inferno” pessoal do sujeito (sonhos, interioridade, fantasias e esquecimentos), transformando esses elementos em problemas científicos. (BOCK et al. 1999).

As escolas anteriores olhavam muito mais apenas para o comportamento e a psicanálise olha para um sentido mais amplo com aquilo que gera e provoca tal comportamento junto ao funcionamento psíquico, não apenas para o comportamento final, mas a partir de um olhar mais holístico em relação aos problemas Freud criou a Psicanálise, “[...] O termo psicanálise é usado para se referir a uma teoria, a um método de investigação e a uma prática profissional [...]”. (BOCK et al.1999, p.1-2).

A Psicanálise não tem a ver só com a questão terapêutica e tratamento com as pessoas que tem algum desvio. É também uma forma de compreensão do ser, que é utilizada também na psicologia do esporte para resolver as pautas problemáticas de rendimento com atletas que apresentam comportamento desviante. Sendo assim, a psicanálise é uma escola que afirma, para entender o comportamento humano é preciso acessar os processos misteriosos das pessoas.

A Psicanálise, enquanto **método de investigação**, caracteriza-se pelo método interpretativo, que busca o significado oculto daquilo que é manifesto por meio de

ações e palavras ou pelas produções imaginárias, como os sonhos, os delírios, as associações livres, os atos falhos. [...]” (BOCK et al. 1999, p.2).

Por outro lado, a Psicanálise estuda a problemática do quanto as pessoas podem ser afetadas por condições externas. Um exemplo disso, é se o sujeito vive em condições de vulnerabilidade e nas mazelas sociais, ou seja, a fome, a miséria em geral, essa pessoa é mais afetada emocionalmente por conta da sua posição e condição no âmbito social.

A partir disso, podemos citar também as pessoas com deficiência que nesse sentido também são as mais afetadas em relação as pessoas consideradas “normais” devido as condições de adaptação que as pessoas com deficiência são submetidas. Assim, entendemos que as diferenças se dão por inúmeros fatores do comportamento humano e isso explica a complexibilidade de estudar a psicologia, de acordo com as palavras de (BOCK et al. 1999, p.2), observamos:

Atualmente, o exercício da Psicanálise ocorre de muitas outras formas. Ou seja, é usada como base para psicoterapias, aconselhamento, orientação; é aplicada no trabalho com grupos, instituições. A Psicanálise também é um instrumento importante para a análise e compreensão de fenômenos sociais relevantes: as novas formas de sofrimento psíquico, o excesso de individualismo no mundo contemporâneo, a exacerbação da violência etc. (BOCK et al. 1999, p.2).

Com isso, ressaltamos a importante discussão sobre a questão do comportamento humano por meio da inconsciência colocada por Freud, configurando-se diferentemente das escolas anteriores que se preocupavam com a consciência. A psicanálise mostra que existe situações que ajudam ou atrapalham o sujeito de tal forma que nem o próprio e ninguém consegue explicar, pois, estar relacionada ao inconsciente do indivíduo. Em outras palavras estão dentro da consciência, porém, não vem à tona, a psicanálise é um estudo de alto nível em relação ao ser humano.

Enquanto as outras escolas mostravam que era possível aprender e trabalhar com a consciência, a psicanálise mostra que pode se aprender a partir da inconsciência. Falamos em aprender, porque assim como o inconsciente pode favorecer a aprendizagem de algo pelo sujeito, ele também pode dificultar a aprendizagem. Então, quando se tem alguém que não aprende algo isso pode ser dado por alguma limitação que nem a própria pessoa consegue entender e explicar, podendo ser explicado e justificado por seu inconsciente.

O **inconsciente** exprime o “conjunto dos conteúdos não presentes no campo atual da consciência”⁷. É constituído por conteúdos reprimidos, que não têm acesso aos sistemas pré-consciente/consciente, pela ação de censuras internas. Estes conteúdos [pg. 73] podem ter sido conscientes, em algum momento, e ter sido reprimidos, isto é, “foram” para o inconsciente, ou podem ser genuinamente inconscientes. O

inconsciente é um sistema do aparelho psíquico regido por leis próprias de funcionamento. Por exemplo, é atemporal, não existem as noções de passado e presente. (BOCK et al., 1999, p.5-6).

A psicanálise trabalha muito com a história e trajetória do sujeito, o sujeito apresenta um comportamento. Então, vai partir disso e é o ponto inicial aquela situação verbal que já conhecemos, por meio de questionamentos de como a pessoa se sente até alcançar os estudos dos métodos mais contemporâneo. Esse é o caminho muito usado nas questões da saúde mental e a psicanálise é um estudo de grande contribuição para a psicologia moderna.

Segundo (BOCK et al., 1999), o método psicanalítico para descobrir a realidade, entender os sintomas do sujeito no âmbito subjetivo e social, junto com as suas determinações, é interpretativo. Nesse sentido da análise subjetiva do indivíduo voltamos a dizer que a conduta do processo de trabalho e por função dos analistas são os sonhos, as associações livres, os atos falhos, isto é, os esquecimentos, as substituições de palavras e entre outros. Sendo assim, tem um rol de possibilidades de alcançar o inconsciente, diante disso, o trabalho fundamental é respeitar a história de cada sujeito, bem como, a sua linguagem, e entender que esse processo terapêutico da psicanálise é individualizado e cada pessoa encara os sinais de uma maneira particular a partir da sua trajetória de vida que é exclusivamente única e singular.

Contudo, há várias décadas é possível constatar a contribuição da Psicanálise e dos psicanalistas em várias áreas da saúde mental. Historicamente, é importante lembrar a contribuição do [pg. 80] psiquiatra e psicanalista D. W. Winnicott, cujos programas radiofônicos transmitidos na Europa, durante a Segunda Guerra Mundial, orientavam os pais na criação dos filhos, ou a contribuição de Ana Freud para a Educação e, mais recentemente, as contribuições de Françoise Dolto e Maud Mannoni para o trabalho com crianças e adolescentes em instituições — hospitais, creches, abrigos. (BOCK et al., 1999, p.14).

Portanto, percebe-se que as questões da psicanálise dão um salto estremecedor em relação a psicologia, isso até mais ou menos a segunda guerra. Após a segunda guerra a psicologia continua a evoluir, e até hoje as contribuições do associacionismo que depois deu fruto ao surgimento do behaviorismo não deixaram de existir. Bem como, a psicanálise é parte significativa no progresso da psicologia já considerada ciência, junto as contribuições das escolas anteriores que também fazem parte dos aspectos históricos da psicologia.

2.3 Teoria Histórico-Cultural

Se direcionarmos a ideia para o pensamento de Karl Mark que implementa a ideia de um corpo máquina ligando diretamente a questões para a moldagem capitalista. “[...] Os trabalhadores transformam-se em ‘extensões vivas das máquinas’, e o resultado é a ‘tenebrosa monotonia, o infinito tormento do trabalhador’ [...]” (BARROS; VECCHIA, 1930, p.5).

Assim, devemos também por meio dos pensamentos filosóficos entender que o corpo não é um conjunto de engrenagem do sistema capitalista, mas um conjunto de memórias, experiências e sentimentos, compreendendo assim, de modo holístico e sistêmico a sua totalidade. De modo, reflexivo ainda sobre o retrocesso do sistema capitalista para o desenvolvimento humano, ressaltamos.

De maneira como atualmente se dá, toda tragédia intrínseca ao capitalismo consiste no fato de que ao mesmo tempo em que tal objeto de estudo [estudo objetivo], qual seja [sobre] o psiquismo [psicologia] do homem – que contém dentro de si, virtual e infundamente, a possibilidade do domínio sobre a natureza e o desenvolvimento de sua própria natureza – cresce a passo acelerado, simultaneamente, sua vida espiritual real estava se degradando e passando pelo processo que Engels descreveu tão vividamente como a deformação [mutação] do homem (BARROS; VECCHIA, 1930, p. 9-10).

Em contra partida, destaca-se a questão do desenvolvimento humano voltado para o psiquismo em uma abordagem materialista de Vygotski com a finalidade de entender as funções psicológicas superiores. Para Vygotski o desenvolvimento e aprendizagem do sujeito está atrelado ao fato do ser humano viver em meio social. Sendo a aprendizagem para ele está pelo processo de internalização de conceito que é promovido pela questão da vivência social. Além disso, Vygotski diz que o homem sem linguagem não é um ser cultural, social e nem histórico.

A questão da história é fundamental porque nos remete à matriz que constitui o contexto do pensamento de Vigotski. É o caráter histórico que diferencia a concepção de desenvolvimento humano de Vigotski das outras concepções psicológicas e lhe confere um valor inovador ainda nos dias de hoje, sete décadas após a redação do “Manuscrito”. Podemos, portanto, afirmar que a questão da história, tal como aparece em Vigotski, permite definir os contornos semânticos do social e do cultural e é uma questão-chave no debate da relação entre natureza e cultura. (SIRGADO, 2000).

O que é entendido por Vygotski referente a história vem de maneira duplicada, ou seja, dividindo a partir da dialética e o materialismo histórico. “[...] Quando Vigotski fala do significado geral de história, apoia-se na célebre afirmação de Marx – ‘a única ciência é a história’ [...]” (SIRGADO, 2000). Com isso, percebemos que o desenvolvimento humano pode se dar de fora para dentro por conta dos componentes históricos e culturais. O caminho do desenvolvimento humano está em aberto, mas a teoria histórico-cultural nos aponta um caminho interessante, pois aqui o sujeito é um ser histórico e cultural.

Tal qual um indivíduo só existe como um ser social – como membro de algum grupo social, em cujo o contexto ele segue o percurso do desenvolvimento histórico -, a composição de sua personalidade e a estrutura de seu comportamento acaba por ser constituir em uma variável [‘quantum’] dependente da evolução social, cujo principais aspectos são determinados pela última (BARROS; VECCHIA, 1930, p. 2).

Com o olhar mais social e histórico, Vigotski mostra que o sujeito se desenvolve não apenas pelos aspectos de maturação biológica, mas também a partir da interação e aprendizagem com o âmbito social, isto é, o meio onde essa pessoa está se reinventando. Isso é visto na abordagem Histórico-Cultural que afirma que as funções biológicas não estão isoladas em relação aos acontecimentos culturais, porém, desenvolvem em uma nova essência, sendo aspectos adicionados a história humana (SIRGADO, 2000).

De acordo com (BARROS; VECCHIA, 1930), existe dois caminhos principais que se encarregaram de explicar o desenvolvimento e psiquismo humano. Ele vem destrinchando o caminho biológico, estrutural corpóreo que retrocedem em relação ao caminho social histórico que vem baseado nas contribuições de Vygotski. Esse plano traz sistematizações mais complexas para o entendimento do desenvolvimento humano, a partir da consideração de que o sujeito é histórico e social.

Muito se questiona sobre o desenvolvimento humano a partir das funções psicológicas superiores, isto é, a memória, pensamento, linguagem etc. e todos esses componentes são construídos pela história. Essa questão é peça fundamental na teoria de Vygotski de modo geral, para ele a linguagem social, por exemplo, tem como função a comunicação e a linguagem interior é aquela ligada diretamente aos pensamentos. Então por meio da linguagem que o sujeito consegue se apropriar da cultura e entender as coisas ao seu redor e é indispensável para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores.

As funções superiores constituem o terceiro tipo de objetos a que Vigotski atribui caráter social, não só porque elas não emergem das funções biológicas, mas porque sua natureza é social. “Elas são”, diz Vygotski, “relações internalizadas de uma ordem social, transferidas à personalidade individual e base da estrutura social da personalidade” (1989, p. 58). Tudo nelas é social: sua composição, sua estrutura genética e seu modo de funcionar. De tal modo que, mesmo sendo transformadas em processos mentais, permaneçam quase sociais, como ele diz (1997, p. 106). (SIRGADO, 2000, p. 60).

Percebe-se que o desenvolvimento psicológico (mental e cognitiva), vem muito em função do social e genético, em outras palavras com a interação em sociedade e os elementos biológicos (neurológicos). Com as palavras (SIRGADOS, 2000, p. 67) “[...] as relações reais entre pessoas constituem geneticamente o substrato das funções psicológicas, como diz Vygotski, então é fácil entender por que a subjetividade humana adquire a forma de

drama real (1989, p. 59) [...]”. Assim, relatamos que a atuação intelectual de Vygotski foi muito voltada para a psicologia, tanto para o desenvolvimento humano quanto para a educação.

Ele traz a ideia geral do materialismo histórico dialético para a psicologia, ou seja, partindo de que as coisas são construídas da história, então as vivências e experiências das pessoas são elementos que os constrói a partir da interação entre sujeitos. Segundo (SIRGADO 2000), simplificando as relações sociais como determinantes para as funções mentais superiores, Vygotski inverte o conflito que se tinha sobre a análise psicológica por meio biológico para inovação de uma análise no viés cultural.

O processo de convivência entre pessoas é considerado relações educativas, é dado por um contexto também cultural. A educação tem um objetivo a partir de um projeto de formação e desenvolvimento humano e a psicologia junto a educação para Vygotski vem baseado nisso. “[...] De qualquer maneira, ao conceber o psiquismo como um conjunto de funções e estas como sendo de natureza cultural, não biológica, Vygotski se distancia tanto das teorias funcionalistas e estruturalistas quanto das concepções biologizantes e mecanicistas [...]” (SIRGADO, 2000, p. 69). Isso configura-se como típica quebra de paradigma em relação aos debates psicológicos anteriores, pois, isso acontece devido as coisas não estarem mais correspondendo as necessidades de resposta para o campo psíquico e, com isso, surge outras maneiras de pensar a partir das crises históricas acerca da construção da psicologia.

Outrossim, lembramos que para Vygotski a criança é considerada um ser social e pensante, bem como, coloca a escola como um espaço onde vai ocorrer o processo de aprendizagem e desenvolvimento. E existe a zona real da criança que é envolto do problema de resolver algo individualmente. E tem a zona potencial que é a capacidade de depender do auxílio de outros mais experientes, podendo ser um mediador ou até um educador escolar. Assim, muito se fala da problemática simbólica, visto como um lugar de desenvolvimento, devido a relação com a aprendizagem a partir do pensamento de que o sujeito se desenvolve porque ele aprende.

Nesse sentido, Vygotski pode dizer, com toda razão, que “o problema da conduta verbalizada é o problema central em toda história do desenvolvimento cultural da criança” (1989, p. 56). Com efeito, o evento determinante da história humana, da qual faz parte a história da criança, é a criação dos mediadores semióticos que operam nas relações dos homens com o mundo físico e social. Instalando-se nos espaços dos sistemas de sinalização natural, estes mediadores os tornam espaços representacionais, de modo que emerge um mundo novo, o mundo simbólico ou da significação. (SIRGADO, 2000, p. 59).

Podemos materializar isso a partir dos jogos simbólicos que é a brincadeira do faz de conta. Esses jogos para Vigotski é fundamental fator de desenvolvimento, pois aqui a criança tem a possibilidade de transitar pelo mundo do imaginário e concreto a partir do funcionamento daquilo que está alargando os jogos de papéis. Por exemplo, se a criança fizer de conta que é jogador de futebol ou psicólogo ela estará regida por condutas e regras para o funcionamento do esporte ou da profissão. “[...] É a significação que confere ao social sua condição humana [...]” (SIRGADO, 2000, p. 59).

Então, é notório a importância dos jogos para do desenvolvimento do sujeito na perspectiva de Vigotski principalmente nas condições de desenvolver-se as funções psicológicas superiores das crianças e dos sujeitos de modo geral, muito em função das transições pelo mundo da significação e simbólico.

3 CAPÍTULO II: ADOECIMENTO MENTAL NA JUVENTUDE: UMA MAL CONTEMPORÂNEO

Em tela o segundo capítulo chega à tona com a problemática acerca da saúde mental e juventude, isto é, apontando como um mal atual e perverso. Bem como, trazer discursões sobre as faces dessa doença na infância, adolescência e juventude. Além de contextualizar os termos ansiedade e depressão, junto ao debate saúde e Educação Física.

3.1 Transtornos mentais infantojuvenil

Iniciamos abordando um discurso empírico muito ouvido sobre as crianças e observado ao longo da vida, que é a ideia que os sujeitos mais novos, como sempre um ser lúdico e um ser divertido a todo momento, em outras palavras as crianças predominantemente

são desvinculadas a parte da tristeza, estresse, mágoa e entre outros. Com isso, a fim de trazer outra maneira de pensamento sobre as crianças, vamos ao longo do texto impor debates, estatísticas e estudos acerca da problemática que as crianças também podem sofrer com transtornos mentais, como a depressão e ansiedade.

Com isso, de acordo com (COUTINHO, 2017), a depressão infantil que pode prejudicar a trajetória de vida da criança no âmbito social. Nesse sentido, a ideia da conversa é transbordar a perspectiva clínica e diagnóstica para uma discussão também psicossocial direcionada ao cotidiano da criança. A ressalta é que em casos de diagnósticos clínicos, a condutada é mais demorada por alguns motivos, ou seja, tem-se alguns quadros psicopatológicos apresentam estudo e interpretação não acessíveis que requer mais tempo para um diagnóstico psicológico plenamente verdadeiro.

Ainda por meio de afirmações de (COUTINHO et al., 2017, p.8 *apud* KAPLAN; SADOCK; RUIZ; 2017), sobre os quadros citados acima, diz:

este quadro encontra-se inserido nas “perturbações afetivas” cujo elemento comum e essencial é um distúrbio de humor, associado à dificuldade cognitiva, psicomotora, psicofisiológica e interpessoais. Para estes autores, o humor refere-se a estados emocionais experimentados que determinam o aspecto total da personalidade e da vida psíquica. Já o afeto refere-se ao aspecto subjetivo da emoção, à parte de seus elementos físicos.

No sentido das denominadas ‘perturbações afetivas’ voltamos a falar sobre a importância de ampliar os pensamentos que perduram perante as relações pessoais encarando as crianças como seres sempre alegres e na maioria das vezes relacionando as doenças como depressão e ansiedade apenas com os adultos e outros. Entretanto, já estamos no caminho para melhor entender a situação das crianças, pois já se existe diversos estudos que desconstrói essa ideia, mas é importante dizer que ainda existe um caminho longo a seguir para sancionar a questão.

Pois, segundo Coutinho (2017), já vem afirmando que algumas literaturas trabalham a depressão infantojuvenil, porém, alguns pré-requisitos precisam ser superados. Um exemplo disso, é alguns estudos epidemiológico encontram-se com dificuldades em formatar informações sobre a depressão em crianças, já que quando ela apresenta sintomas do adoecimento mental são direcionados para atendimentos médicos não especializados na capacidade necessária. Assim, o diagnóstico não é preciso e o tratamento acaba seguindo um caminho não eficaz.

Em contrapartida, o debate acerca do adoecimento mental infantojuvenil dado de maneira silenciada e demorada no Brasil. O atual cenário do país é precário e delicado em diversos setores (economia, educação etc.), e o debate acerca da saúde mental para crianças e adolescentes (SMCA) acaba ficando em segundo plano e com um caminho oposto e longe de ser prioridade no Brasil. Com isso, observamos que de forma urgente precisamos de mais políticas públicas direcionadas para a saúde mental desse público, em outras palavras, o problema precisa ser encarado como prioridades dentro do âmbito discussões voltadas para a agenda pública de saúde do país.

Nesse sentido, debatemos historicamente que a saúde mental de crianças e adolescente foi incorporada dentro da agenda pública de saúde brasileira de forma demorada sem urgência nenhuma de debruçar nas políticas públicas voltadas para a problemática. Para afirmar tal imprudência (COUTO; DELGADO, 2015), discute a implantação demorada sobre a discussão da saúde mental infantojuvenil na agenda brasileira de saúde, afirmando que somente por volta do século XXI politicamente falando que houve essa locação. Relatos ainda que antes desse período nenhum tipo de cuidado visível em prol da saúde mental infantojuvenil e sim um cuidado propagado de forma omissa e silenciada.

No entanto, não se pode negar o progresso significativo ou não, que o setor desenvolveu por meio de políticas públicas direcionadas para a causa saúde mental. Assim, como não podemos deixar de reiterar a luta tardia em função da preocupação assistencial com a saúde mental do público mais jovem, como podemos observar com (COUTO; DELGADO, 2015, p. 19).

A política atual de SMCA, voltada para a construção de redes ampliadas e intersetoriais de atenção, de base comunitária, com ênfase na articulação entre serviços de diferentes níveis de complexidades e tendo como ações estratégicas iniciais a oferta de Centros de Atenção Psicossocial Infantis e Juvenis (CAPSi) e a articulação intersetorial (Couto, Duarte & Delgado, 2008), visa à superação do cenário anterior, no qual, a rigor, crianças e adolescentes com necessidades em saúde mental ficaram desassistidas ou submetidas a processos de institucionalização externos ao sistema psiquiátrico asilar, que, por décadas, foram invisíveis até mesmo ao vigoroso movimento da Reforma Psiquiátrica brasileira (COUTO, 2004).

Ressaltamos com tudo que foi dito em tela a contradição que se tem em relação ao público em questão. Percebemos facilmente que eles são integrados fortemente em vários setores do país, como na questão econômica, por exemplo, com a sua força de trabalho, criatividade e a sua capacidade de se reinventar em relação aos jovens que já estão iniciando no mercado de trabalho com primeiro emprego ou na função de estagiários e/ou jovens aprendiz. “[...] As ações que contribuíram para a construção dessa nova agenda

desenvolveram-se apenas a partir de 2001, quando as condições concretas de possibilidade para a Saúde Mental de Crianças e Adolescente -SMCA- como política pública se tornaram visíveis e eficazes [...]” (COUTO; DELGADO, 2015, p. 20).

Entretanto, quando se fala em agregar e fortalecer por meio de políticas públicas para promover cuidados a saúde infantojuvenil não conseguimos perceber na história um interesse ou investimento significativo pelas entidades que encaram a problemática de forma lenta e tardia. Entendemos ainda com (COUTO; DELGADO, 2015), que o desenvolvimento em relação a saúde mental infantojuvenil veio à tona apenas quando se criou uma concepção de criança e adolescente. Essa mudança se deu por motivos agregados diretamente a saúde mental e a diversas atrações externa que alavancaram tal concepção no âmbito jurídico, político e social.

Um exemplo disso, é mudanças principalmente nas políticas de proteção, cuidados em detrimento a saúde e saúde mental dos jovens. Isso é justificado por amparos legais implantado em solos políticos brasileiros relacionados a motivos direto a problemática.

Lei da Saúde Mental, Lei 10.216 (Brasil, 2001a) e a realização da III Conferência Nacional de Saúde Mental (CNSM), ambas ocorridas em 2001, elevaram o patamar de institucionalidade da Reforma Psiquiátrica brasileira, ampliando o alcance de suas ações e o horizonte de aplicação de seus princípios. Com essa Lei, a saúde mental passou a constituir-se como uma política de Estado ancorada na defesa dos direitos de cidadania dos pacientes mentais e não apenas como um programa de governo. (COUTO; DELGADO, 2015, p. 20-21).

Por outro lado, temos os motivos externos a saúde mental, como podemos citar um recorte temporal fundamental no processo a partir de dois eventos específicos para a nova concepção de criança e adolescente. Ainda sustentado o debate com (COUTO; DELGADO, 2015, p. 21), afirmando a “[...] Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança, realizada pela Organização das Nações Unidas (ONU), em 1989 [...]”, com intuito de consagrar novos pensamentos sobre as crianças como parte da sociedade que possuem direitos equivalente a qualquer outro cidadão.

Além disso, (COUTO; DELGADO, 2015), que temos a questão do Estatuto da Criança e Adolescente (ECA), de 1990. Esses são eventos históricos que trouxeram o desenvolvimento na concepção de criança, agora as crianças e adolescente são legalmente aparadas como cidadã e com seus direitos assegurados. Assim, o público recebendo uma melhor atenção a partir de políticas e ações direcionadas para o infantojuvenil.

3.2 Depressão e ansiedade

Percebemos que quando se falamos e estudamos a psicologia ou até mesmo pelo caminho do empirismo, conseguimos relacionar vários termos que pode se referir a psicologia. O termo safo quando se referimos ao sujeito que domina muito um determinado assunto ou o termo inteligente. Bem como, os comportamentos socioafetivos de modo geral, como o sujeito é carinho, afetuoso, sensível, sendo exemplos de alguns comportamentos observáveis em relação a pessoa.

Contudo, o comportamento social pode se direcionar de modo diferente. Pois, alguns sujeitos podem ser abertos e fáceis de criar relações ou podem ser complicados e delicados para fazer amizades, podem apresentar dificuldades de convivência em grupo e com isso acabam se isolando. Além disso, podem ser difíceis de aceitar opiniões e ainda aqueles que se recusam a aceitar algum tipo de ajuda, então, existe diversas maneiras e termos que conseguimos relacionar com as capacidades e os estudos da psicologia, e todos esses aspectos são importantes.

De acordo com o Relatório Mundial da Saúde (2002), o Dia Mundial da Saúde 2001, levou como lema “Cuidar, sim e Excluir, não”. A ideia principal era expor para todos que não é aceitável a discriminação na sociedade de pessoas com algum tipo de transtornos mentais ou perturbações cerebrais, confirmando que todos tem seu lugar no âmbito social. Contudo, afirma ainda que muitos sujeitos ainda insistem em separar e tratar de maneira diferente pessoas com doenças ou perturbações psicológicas, sujeitos esses que ignoram, como se sua conduta fosse em função de uma resistência para aceitar e compreender tal pessoa.

Outrossim, destaca-se que tudo isso pode ser justificado pela psicologia, ela é responsável em discutir questões afetivas que podem trazer benefícios e malefícios para o indivíduo. Algumas situações de comportamento citados acima podem ser explicados por um possível adoecimento mental relacionados a depressão e ansiedade. Com isso, entramos na conceituação dos dois termos para tentamos compreender alguns sintomas, seja ele voltada para as questões afetivas ou comportamentais que os sujeitos podem apresentar e que podem nos indicar tal relação com a problemática da depressão e ansiedade.

Adita-se a esta realidade, a necessidade de estudos que possam contemplar para além do enfoque epidemiológico da depressão, investigações do tema sob diferentes perspectivas, verificando, por exemplo, a relação de construtos psicológicos de

natureza positiva, tais como o bem-estar subjetivo (BES) e a qualidade de vida (QV) nas diferentes formas de enfrentamento à depressão. (PINTO et. al. 2017, p. 137).

Segundo (PINTO et al., 2017 *apud* COUTINHO, 2005), a depressão se configura como um transtorno relacionado ao humor que pode trazer diversos prejuízos para o funcionamento da mente e mudando de forma significativa a compreensão concreta de realidade. Isso significa o que já foi dito acerca das questões comportamentais, porém, aqui direcionado para os comportamentos emocionais instáveis das pessoas. Como o isolamento, tristeza, agonia e angústia, comportamentos que podem comprometer situações de convivência, aceitação etc. Ademais, (COUTINHO et al., 2017, p. 10 *apud* ANGOLD, 1988).

A palavra depressão, pode ser usada para descrever: 1- uma das extremidades do contínuo das flutuações normais do humor; 2- a dor moral que acompanha uma situação ou um acontecimento desagradável; 3- um traço de caráter (personalidade depressiva); 4- um sintoma (humor triste); 5- uma síndrome (conjunto de sintomas) e 6- uma doença decorrente.

Conforme a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2017), a depressão é pontuada como uma das principais preocupações para a saúde pública mundial, com cerca de 300 milhões de pessoas desenvolveram a doença. Ainda, afirma que a doença é soberana em termos de incapacidade e por consequência um grande prejuízo no âmbito social, em função disso, surge a margem da possibilidade de suicídio em casos mais graves. Nesse sentido, vamos conversar brevemente sobre a fase da juventude que se encontra muito vulnerável as questões externas.

Um exemplo, a preocupação de estereótipos, padrões estéticos relacionado ao corpo, além, de diversas preocupações acerca do futuro, vida amorosa, familiar e entre outros. Com as palavras (PINTO et al., 2017 *apud* FUKUDA et al., 2016; RIBEIRO et al., 2012), afirmando que alguns autores por meio de suas pesquisas corroboram que a fase da adolescência apresenta uma grande instabilidade e indicando que essa etapa da vida é configurada como grande possibilidade de desenvolver as síndromes psicoafetivas, como a depressão.

Segundo (PINTO et al. 2017 *apud* SILVA-ESCORDIA; MÉJIA-PÉREZ, 2015), em relação ao desenvolvimento humano, a fase dos jovens e adolescente é um recorte de metamorfose fisiológicas, psicológica e social. Bem como, no mesmo período as emoções e mudanças de comportamentos podem intensificar de modo exponencial e assim, redirecionando o projeto de vida do jovem e adolescente. Nesse modo, também influenciando na autoestima e no “EU” do sujeito, ou seja, na sua identidade de pertencimento. Observamos ainda com o (RELATÓRIO MUNDIAL DA SAÚDE, 2002, p. 17.)

A saúde mental e a saúde física são dois elementos da vida estreitamente entrelaçados e profundamente interdependentes. Avanços na neurociência e na medicina do comportamento já mostraram que, como muitas doenças físicas, as perturbações mentais e comportamentais resultam de uma complexa interação de factores biológicos, psicológicos e sociais.

Ainda com o (RELATÓRIO MUNDIAL DA SAÚDE, 2002), as evidências científicas fruto dos estudos e avanço da medicina do comportamento, ressaltou a essência de uma correlação importante entre saúde mental e física. Dizendo ainda que a depressão é corrente para o acontecimento de perturbações cardíaca. E as pesquisas apontam que existe pelo menos duas vias importantes que afirmam essa correlação entre saúde física e mental, são elas:

Uma dessas vias são os sistemas fisiológicos, como o funcionamento neuroendócrino e imunitário. Os estados afectivos angustiados e deprimidos, por exemplo, desencadeiam uma cascata de mudanças adversas no funcionamento endócrino e imunitário e criam uma maior susceptibilidade a toda uma série de doenças físicas. Outra via é o comportamento saudável, que diz respeito a, por exemplo, regime alimentar, exercício, práticas sexuais, uso de tabaco e observância de tratamentos médicos. O comportamento de uma pessoa em matéria de saúde depende muito da sua saúde mental. Por exemplo, indícios recentes vieram mostrar que os jovens com problemas psiquiátricos, como a depressão e o abuso de substâncias, têm mais probabilidades de se tornarem fumadores e ter um comportamento sexual de alto risco. (RELATÓRIO MUNDIAL DA SAÚDE, 2002).

Por outro lado, discutimos a partir disso, a fase da vida muito afetada pela questão da ansiedade e depressão. Por ser uma fase da vida que muitas das vezes é intensa e uma fase de descobertas, de decisões pessoais, esse grupo acaba ficando muito vulnerável a problemática do adoecimento mental. Seguindo (PINTO et. al. 2017, p. 138 *apud* MIRANDA et al. 2013).

No contexto da adolescência, a depressão é cada vez mais recorrente, pois esta fase da vida é marcada por uma série de mudanças psicossociais e alterações biológicas, as quais produzem manifestações comportamentais conflituosas. Estas por sua vez, podem contribuir para o desenvolvimento de quadros depressivos, com notórios sintomas de tristeza, confusão, culpa, apatia e irritabilidade.

Do mesmo modo a ansiedade também pode ser facilmente desenvolvida por jovens e adolescente, por conta do que foi falado. Porém, a ansiedade chega a ser até fator positivo para o sujeito dependendo do grau, observamos, (RUBIO, 1999 *apud* COULD; KRANTE, 1992) “[...] Ansiedade é definida como o impacto emocional ou dimensão cognitiva da ativação. [...]”.

É comum tratarmos a ansiedade, estresse e ativação como terminologias sem suas devidas diferenças, porém especialistas, estudiosos e psicólogos do esporte e do exercício apontam que é necessário entender que são termos distintos. Além disso, é importante

compreender que indivíduos que costumam ser ativos praticando atividades física são os mais ativados mentalmente e fisicamente, esses possuem uma melhor capacidade cardíaca e respiratória. No entanto, a ativação não se caracteriza somente a efeitos positivos e negativos, pois dependendo da situação o sujeito pode ficar igualmente ativado. (WEINBERG; GOULD, 2008).

Além disso, (SONSTROMS, 1992), diz que a ansiedade é estudada no âmbito esportivo a partir das implicações emocionais desviante que possuem efeito negativo, no entanto, por meio de questionamentos realizados em estudos fisiológicos e psicológico foi diagnosticado que existe um tipo de ansiedade com efeitos positivos para realização de algumas tarefas e essa condição da ansiedade é denominada de ativação.

E com isso entendemos segundo (WEINBERG; GOULD, 2008), que a ativação se configura como uma correlação entre atividade fisiológicas e psicológicas no sujeito, e ainda se relaciona com a intensidade da motivação da pessoa referente a tal momento. Destacamos, com isso, que a ansiedade está ligada ao pensamento (ansiedade cognitiva) e ligada a ativação física, assim, ressaltamos que existe algumas variações em relação a ansiedade. Sendo assim, colocamos o que é conhecido como ansiedade-estado e ansiedade-traço.

Como afirma (WEINBERG; GOULD, 2008), a ansiedade é negativa, pois acarreta diversos efeitos negativos para o sujeito, ou seja, um estado emocional abalado a partir das preocupações, nervosismo e apreensão, sendo uma associação com a ativação ou excitação da pessoa. Isso reforça o que foi dito acima sobre o que é denominado de ansiedade cognitiva e o que é chamada de ansiedade somática (o nível de ativação percebida em relação aos componentes físicos).

Contudo, não necessariamente a ansiedade prejudicará a pessoa, falando em relação a problemas, que significa grosso modo aquilo que se encontra fora da norma, todos tem os seus e todos apresentam uma característica que expressa um comportamento individual. E tal comportamento pode ou não influenciar nas nossas condutas de aprendizados ou até influenciar no aprender de algum movimento referente as práticas corporais. Sabemos que a Educação Física (EF), tem a necessidade de se preocupar com todas as dimensões da aprendizagem (cognitiva, afetiva e psicomotor).

A psicologia da aprendizagem é como as pessoas aprendem, por que as pessoas aprendem, como resolver as dificuldades de as pessoas aprenderem. Essa aprendizagem ela é cognitiva, afetiva e motora. Nesse sentido, tentamos entender como que a ansiedade pode influenciar positivamente dependendo do grau de ansiedade. E assim, partindo da ideia de que

a ansiedade em relação ao esporte, por exemplo, pode prejudicar de modo bem relevante, porém, acreditamos também que pode ser corrente para deixar o sujeito em estado de alerta e mais ligado em alguma prática esportiva. Isso pensado de maneira isolado do conceito de ansiedade visto em tela e considerando os conceitos das variações da ansiedade

Concomitante a isso, para tentar justificar iremos conceituar dois tipos de ansiedade, a ansiedade-estado que se baseia na mudança de humor, mas de maneira temporária. E junto a isso a ansiedade-traço, que está vinculado a personalidade e comportamento e para reforça com as palavras (WEINBERG; GOULD, 2008, p. 97 *apud* SPIELBERGER, 1966, p. 17).

A **ansiedade-estado** refere-se ao componente de humor em constante variação. Ele é definido mais formalmente como um estado emocional “caracterizado por sentimentos subjetivos de apreensão e tensão, conscientemente percebido, acompanhados por ou associados com ativação ou excitação do sistema nervoso autônomo.” Por exemplo, o nível de ansiedade-estado de uma jogadora muda, de um momento para outro, durante um jogo de basquete.

Além do que já foi dito, temos a ansiedade-estado cognitiva que caminha a partir da preocupação e de pensamentos negativos de forma frequente. Diferente da denominada ansiedade somática que é corrente para a mudança de situações aparentemente relacionada a ativação fisiológica percebida, não somente na modificação da ativação física, mas também a sua percepção de tal alteração. (WEINBERG; GOULD, 2008). Já a ansiedade-traço de antemão está vinculada a personalidade e comportamento. ainda por definição de (WEINBERG; GOULD, 2008, p. 97).

A ansiedade-traço é uma tendência comportamental de perceber como ameaçadora circunstância que objetivamente não são perigosas e de responder a elas como ansiedade-estado desproporcional. As pessoas com ansiedade-traço elevada geralmente têm mais ansiedade-estado em situações de avaliação e naquelas altamente competitivas do que as pessoas com ansiedade-traço mais baixa.

Ainda sobre a questão (WEINBERG; GOULD, 2008, p. 97 *apud* SPIELBERGER, 1966, p. 17). Diz que: “[...] A pessoa responde a essas circunstâncias com reações de ansiedade-estado que são desproporcionais em intensidade e magnitude ao perigo objetivo [...]”. Ou seja, pode mediar tal resposta com uma mudança de comportamento acessível ou não. Porque pode olhar tal circunstância como ameaçadora, assim, a ansiedade-traço se eleva. Dessa forma, pode afirmar com exemplos práticos.

Dois jogadores de futebol com habilidades físicas iguais podem ser colocados sob idêntica pressão (p. ex.. bater um pênalti ao final do jogo) e, contudo, ter reações de ansiedade-estado inteiramente diferentes devido as suas personalidades (ou seja, seus níveis de ansiedade-traço). Rick é mais tranquilo (baixa ansiedade-traço) e não considera que bater um pênalti seja algo excessivamente ameaçador. Portanto, ele não experimenta uma ansiedade-estado mais intensa do que o esperado em tal

situação. Ted, entretanto, tem elevada ansiedade-traço e, conseqüentemente, considera a chance de bater (ou, em sua visão, de perder) um pênalti como muito ameaçadora. Ele experimenta tremenda ansiedade-estado – muito mais intensa do que o esperado na situação. (WEINBERG; GOULD, 2008, p. 97).

Portanto, por tudo que foi colocado, isso significa que a jogadora e os jogadores nos respectivos exemplos acima, podem ser prejudicados durante o jogo dependendo do grau de ansiedade-estado (nervosismo e apreensão) e ansiedade-traço (personalidade e comportamento). Podendo ir do mais elevado nível ao mais baixo, no qual o último pode chegar a ser considerado normal, pois não chega a atrapalhar o desempenho do sujeito numa partida de um determinado esporte e considerando também para as situações da vida em geral.

E é nesse sentido que a ideia vem à tona de um possível nível de positividade acerca da ansiedade. Visto que, as pessoas que porventura conseguem se manter no nível mais baixo de ansiedades, pode trazer um efeito positivo se pensarmos a partir do ponto de vista da sua ansiedade se manter constantemente baixa ou regular, a pessoa consegue se permanecer mais em alerta nas situações do jogo e do cotidiano.

3.3 Saúde e Educação Física

Iniciamos o debate afirmando que a saúde é um marco legal, ou seja, constitucionalmente é um direito de todos, temos algumas concepções de saúde implantada na sociedade. Sendo assim, entendemos, que a saúde é um tema complexo e que depende de uma organização social e de uma ordem pública comprometida com a problemática. Para melhor compreender o debate da saúde temos como parâmetro o Sistema Único de Saúde (SUS), como uma política pública.

Segundo em 2017 o Sistema Único de Saúde (SUS) na sua legislação sanitária a partir da Constituição Federal de 1988 falando em ordem social na Secção II, Art. 196, “[...] A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário as ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação [...]”. Diante disso, é fundamental que tenha um controle por parte dos Estados e Municípios por meio dos conselhos de saúde com intuito de garantir de forma social e pessoal a saúde para todos. Visto que, os Estados e Municípios possuem sua autonomia diante de um comando sobrenado e devem fazer suas políticas de saúde de acordo com a sua demanda.

Por outro lado, é de extrema relevância que a saúde seja discutida e priorizada em todos os âmbitos sociais. Com isso, anexamos a problemática também dentro da educação escolar e principalmente direcionadas nas aulas de Educação Física (EF). O professor de EF precisa estar preparado para levar o debate da saúde na sua totalidade, ou seja, não só no sentido mais tradicional relacionada a famosa ausência de doença, mas também, no seu sentido mais abstrato e complexo (corpo e mente), relacionada a saúde mental, debatendo o termo saúde na sua versão mais atualizada e completa.

“[...] Considerando a importância da Educação em Saúde, pensar sua abordagem no contexto escolar requer o entendimento, por parte do professor, sobre que decisões didático-metodológicas assumir diante da constituição dos saberes que lhe são inerentes. [...]” (OLIVEIRA, 2017, p. 58). A perspectiva do trabalho educacional nas escolas voltado para o debate da saúde tem que ser de forma interdisciplinar e o professor de EF dever saber construir o debate também de forma pedagógica e prática. Assim, coibindo a ideia de considerar saúde somente voltada para a ausência de doenças, e relacionar também a saúde como todas as formas de se sentir bem com a sua aparência, seu jeito, com sua identidade de maneira geral, sem aflições, angústias e agonias.

O debate acerca da saúde historicamente sempre teve sua raiz nas doenças, no sentido concreto e palpável. Se fizermos um recorte temporais conseguimos perceber facilmente o problema, segundo (OLIVEIRA, 2017, p. 59 *apud* PELICIONI, 2007 e MOROSINI et al., 2008).

As origens da pedagogização dos Saberes da Saúde no Brasil oitocentista se deram diante de uma centralização das ações político-pedagógicas na contenção de doenças e surtos epidêmicos que assolavam a população em diferentes regiões. Em 1889, por exemplo, doenças como tuberculose, febre amarela e peste bubônica assolavam a capital do império, em virtude das parcas condições de saneamento básico encontradas até então. Neste período, era disseminada a compreensão de que os problemas relacionados à Saúde coletiva tinham como principal causa a negligência individual das classes menos favorecidas. Uma negligência que, para além da vontade, evidenciaria a falta de conhecimento acerca da importância cuidado com a Saúde, especificamente com o asseio corporal.

Nesse sentido, ainda sobre a perspectiva de saúde que se deu na história e sobre a saúde educacional que devem ser trabalhadas em âmbitos educativos. Ainda com (OLIVEIRA, 2017 *apud* SOUZA; JACOBINA, 2009; DONATO, 2009), muito se discutia a partir do século XX, principalmente com Carlo Chagas quando foi diretor geral de saúde pública, vem à tona a questão da Educação Sanitária dentro das escolas. Sendo assim, trabalhando por meio de programas de ensino a saúde na dimensão da mudança de hábitos implantado principalmente nos ensinamentos primários.

Percebemos que EF e saúde são inseparáveis, pois toda esse discursão sobre a saúde na dimensão ausência de doença é configurada também na questão higienista que por muito tempo foi metodologia da EF. Por volta século XIX e XX ainda na conduta da revolução industrial, e com isso a EF vem surgindo no Brasil no caminho apenas de preparar o sujeito para trabalhar na indústria e isso aparece em formato higienista no qual visava moldar a pessoa para adquirir hábitos saudáveis. Isso devido a concepção de educação higienista que se tinha, e qualquer problema sanitário ou de saúde da época caia na culpa dos próprios sujeitos.

O Higienismo é reconhecido por autores como Bracht (1997) e Soares (2004) como uma importante tendência pedagógica da história da Educação Física diante de sua relação com aspectos políticos e ideológicos que marcaram nosso país durante o início do século XX. Neste contexto, merece destaque a adoção dos Métodos Ginásticos Europeus, de inspiração militar, com destaque para o Método Francês. (OLIVEIRA, 2017, p. 61).

E posteriormente tem-se uma tendência militarista de saúde, sempre com ênfase no nacionalismo, disciplina e construir um ser humano forte. Após o período de regime militar ainda encontramos um EF tecnicista com tendência esportivas, isto é, os corpos agora são instrumentos de alienação com a finalidade apenas de encontrar talentos. Nesse sentido, as escolas trabalhavam em moldes apenas tecnicista e com grandes chances de esgotar o sujeito fisicamente devido aos grandes números de repetições característico do ensino tecnicista, já que na época ainda não tinha a discursão completa da saúde, ou seja, baseado também na saúde mental.

Vemos com Bracht (1997) que os métodos ginásticos incluíam a exercitação militar com o objetivo do desenvolvimento da aptidão física. Tendo seus conteúdos basicamente fundamentados em exercícios analíticos, corridas, saltos, etc. os métodos ginásticos expressavam, na forma e no conteúdo, a representação dos papéis e do código inerente à instituição militar, incluindo “a exercitação corporal com o objetivo do desenvolvimento da aptidão física e do que se convencionou chamar de “formação do caráter” - autodisciplina, hábitos higiênicos, capacidade de suportar a dor, coragem, respeito à hierarquia.” (OLIVEIRA, 2017, p. 61 *apud* BRACHT, 1997 p. 20).

Com essa abordagem baseada em uma concepção de saúde muito rasa, com foco apenas em conversões físicas para se encaixar nos moldes capitalistas que nos cercam até os dias contemporâneos. Bem como, concepções de saúde exclusivamente relacionada falta de doenças são entendimentos de abordagem com a sociedade, com o ser humano e com a EF que perduram pela história. São diversas críticas que conseguimos fazer e contestar o modo de produção capitalista que tem o papel de alienar a compreensão de saúde, colocando como projeto para saúde uma sociedade com sujeito apenas forte e robusto.

4 CAPÍTULO III - SAÚDE MENTAL E FUTEBOL: Conhecimentos e inter-relações da psicologia e futebol

O terceiro capítulo tem o objetivo de analisar os conhecimentos referentes à saúde mental de professores que atuam com o futebol. O trabalho é caracterizado por três capítulos, o primeiro e segundo pela revisão bibliográfica que trataram dos aspectos históricos da

psicologia com ênfase na gênese e evolução, bem como, seguindo para o capítulo seguinte a questão da saúde mental na juventude, ou seja, as produções acadêmicas, científicas, como teses, dissertações, artigos, relatos de experiências de revistas, isto é, tem como finalidade acessar o que a literatura disponibiliza como referência para o tema em questão. Sendo assim, o terceiro capítulo trata da pesquisa de campo, ou seja, estamos classificando de acordo com o *locus* de onde foi coletado os dados.

Diante disso, de acordo com (GIL, 2008), onde debruça sobre as classificações de pesquisa, afirma que normalmente alguns estudos, trabalhos de modo geral usam o que é conhecido como pesquisa bibliográfica. Porém, os estudos são classificados conforme o *locus* de onde está se coletando os dados e aqui vamos trabalhar de modo exclusivo com a classificação de pesquisa tirada diretamente do campo, a pesquisa de campo é parecida com a pesquisa de levantamento, no entanto, não é igual.

O levantamento é caracterizado a partir de um maior alcance e a de campo com mais profundidade e desenvolvido no próprio local, seus resultados são mais fidedignos, além, de ser uma pesquisa econômica por não precisar de equipamentos especiais. Outro ponto é que o levantamento é trabalhado em prol estatístico e como já foi dito a pesquisa de campos se sustenta no aprofundamento dos objetos de estudo. Bem como, a pesquisa de campo caracteriza-se de maneira mais flexível, podendo existir reajuste no processo caso houver necessidade. (Gil, 2008)

A pesquisa de campo caminha em um único sentido (grupo ou comunidade), em função da estrutura social, em outras palavras, a influência mútua em relação aos seus elementos. A investigação da pesquisa de campo é muito baseada nas relações antropológicas, entretanto, hoje sua interação investigativa perpassa pelas áreas da Educação, sociologia, saúde Pública e Administração (GIL, 2008).

Destacamos também outra característica da pesquisa na integra:

No estudo de campo, o pesquisador realiza a maior parte do trabalho pessoalmente, pois é enfatizada importância de o pesquisador ter tido ele mesmo uma experiência direta com a situação de estudo. Também se exige do pesquisador que permaneça o maior tempo possível na comunidade, pois somente com essa imersão na realidade é que se podem entender as regras, os costumes e as convenções que regem o grupo estudado (GIL, 2008, p. 53).

Nesse sentido, elegemos como sujeitos da pesquisa professores que atuam no contexto do futebol e para coleta dos dados dos sujeitos, elegemos como instrumento de coleta de dados um questionário que foi aplicado de forma virtual em decorrência do

contexto da pandemia da Covid-19, tivemos que respeitar as medidas sanitárias de distanciamento social nos impediu que coletássemos os em campo de forma presencial.

Sendo assim, a pesquisa teve as seguintes etapas: a princípio houve uma construção do questionário para definir seus eixos, em seguida foi realizada uma aplicação piloto com os colegas e integrantes do Projeto Academia e Futebol da UFPa. Diante disso, chegamos ao produto e fechamos o questionário em três eixos.

Totalizando 18 questões algumas objetivas e outras que desmembraram em indagações de forma intencional “descreva” ou “exemplifique” para um melhor alcance das respostas. Ressaltamos que foram enviados ao todo 11 questionários para diferentes professores que atuam com o ensino do futebol, no entanto, apenas 5 deram o retorno e foram os parâmetros de análise. Os professores que responderam ao questionário trabalham nas esferas do treinamento desportivo em clubes e outros com o ensino do futebol em projetos sociais (Outeiro distrito de Belém, Belém, Ananindeua e Castanhal). E por fim é importante lembra que foi estipulado um período para preenchimento do questionário e seu devido retorno, sendo de 23 de agosto até 05 de setembro 2021.

O instrumento da coleta de dados se configurou como um roteiro semiestruturado com três eixos: a) perfil do professor de EF, b) conhecimentos inerentes a psicologia na formação do professor e c) os conhecimentos a respeito do futebol e saúde mental. Ao enviarmos o instrumento de coleta de dados, foi enviado também o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para que sejam atendidos os requisitos éticos da pesquisa, apontando o preenchimento sem nenhum ônus financeiro e para o uso exclusivo em estudos científicos (livros, artigos, slides e transparências). Inclusive, a importância do anonimato dos professores, em decorrência disso, os seus nomes oficiais foram substituídos por nomes de treinadores de projeção nacional e internacional, os nomes escolhidos foram Pia Sundhagr, Guardiola, Tite, Zidane e Renato Gaúcho.

Tabela 1 – Perfil do professor

Dados pessoais /profissional	Faixa Etária	Gênero	Instituição Formação (ano)	Formação Continuada
Pia Sundhagr	20 a 30	Masculino	UFPa (2016)	Especialização
Guardiola	Mais de 51	Masculino	UEPA (Não)	Especialização

Tite	31 a 40	Masculino	ESMAC (Não)	Especialização
Zidane	20 a 30	Masculino	FCC (2020)	Especialização
Renato Gaúcho	20 a 30	Masculino	UFPA (2019)	Não

Fonte: Tabela construída pelo próprio autor.

Ao analisarmos na tabela 1 que corresponde ao eixo denominado Perfil dos Professores, observamos que 60% dos entrevistados estão na faixa etária de 20 a 30 anos. E constatamos também que apenas um professor (TITE), está na faixa etária de 31 a 40, bem como, um único professor (GUARDIOLA), com mais de 51 anos, ou seja, isso representa 20% e 20% respectivamente. Além disso, ressaltamos que a pesquisa foi realizada com todos os sujeitos do gênero masculino, representando os 100%.

Assim, percebemos de modo reflexivo que é muito ausente a presença de mulheres na condição de treinadoras em clubes e afins e/ou professoras que atuam no meio futebolístico. A grande maioria dos espaços do futebol é lotado pelo gênero masculino. Ademais, destacamos a observação sobre a instituição formadora (graduação) e em relação a formação continuada. Dessa forma, apontando que 3 dos 5 professores tiveram sua formação inicial de forma gratuita em Universidades Públicas, isto é, dois professores com formação na Universidade Federal do Pará (UFPA), 2016 e 2019 e um com formação na Universidade Estadual do Pará (UEPA), vale dizer que o último não informou o ano de formação.

Em contrapartida, dois tiveram sua trajetória de graduação em universidades particulares, sendo a Escola Superior Madre Celeste (ESMAC) e Faculdade Conhecimento e Ciência (FCC). O primeiro não apontou o ano de formação e o segundo afirmou sua formação como bacharel em Educação Física (EF) no ano de 2020. Em relação a formação continuada apenas um professor (RENATO GAÚCHO), afirmou não possuir outra formação após a graduação, isso representa 20% do total. Porém, 80% dos pesquisados assumiram ter especialização em diversas áreas, como Especialista em Pedagogia da Cultura Corporal e em Educação Física escolas, em Aprendizagem Motora, Treinamento Desportivo e Fisiologia do Exercício e Preparação Física no Alto Rendimento/Pós-graduando em Treinamento Desportivo no Alto Rendimento/Pós-graduando em Futebol e Futsal.

Tabela 2 – Campo de atuação

	Educação Básica	Outros/locais
Pia Sundhagr	Sim	Treinamento desportivo/Projeto Social
Guardiola	Sim	Treinamento desportivo/Instituição Esportiva
Tite	Não	Treinamento desportivo/Instituição Esportiva
Zidane	Não	Treinamento desportivo/Instituição Esportiva
Renato Gaúcho	Sim	Treinamento desportivo/Projeto Social

Fonte: Tabela construída pelo próprio autor.

Em uma análise objetiva observamos que na tabela 2 ilustra-se a atuação na educação básica e seus espaços de atuação. Um exemplo disso, 60% alegaram atuar na rede Municipal e/ou Estadual de ensino e os outros 40% não estão inseridos na Educação Básica. Contudo, vale afirmar que é unanimidade (100%) a atuação dos sujeitos com treinamento desportivo. E os espaços de atuação são divididos em dois âmbitos específicos, sendo em projeto social e instituição esportiva representando nesse requisito da pesquisa 40% e 60% respectivamente.

Outro ponto que não está ilustrado na tabela 2 é que todos os participantes atuam com a modalidade futebol. Com isso, acrescentamos que alguns trabalham como técnico de futebol, outros atuam como preparador físico e ambos na dimensão rendimento, entretanto, também participou professores que trabalham com o futebol direcionado para a ação social com uma missão que vai além do ensino técnico e tático da modalidade. Em outras palavras o futebol como fonte para o desenvolvimento social e motor de jovens e adolescente.

4.1 Conhecimentos inerentes a psicologia na formação do professor

Análise do segundo eixo da pesquisa de campos que tratou dos conhecimentos dos professores a respeito da Psicologia, tanto nas suas formações iniciais como nas formações continuada.

Sobre os conhecimentos dos professores em relação a psicologia percebemos uma predominância no assunto em sentidos aproximados, porém, não iguais. Nesse sentido, observamos que os sujeitos assimilaram os conhecimentos de forma básica acerca do desenvolvimento e comportamento humano durante as devidas trajetórias de formação acadêmica. Ademais, analisamos também que a temática é relevante para o ser humano em âmbito social e ponderamos que os conhecimentos são adquiridos por várias linhas e formas de conhecimentos/estudos diferentes.

Como podemos observar com a afirmação de Pia Sundhagr e Renato Gaúcho respectivamente “[...] os conhecimentos são básicos sobre desenvolvimento humano e educação a partir do referencial da Teoria Histórico-Cultural [...]”.

Reconheço que a psicologia tem papel fundamental na sociedade, pois, além de ter vivenciado casos familiares em que ela foi essencial no tratamento e recuperação de algumas adversidades psicológicas, pude conhecer e dialogar com amigos (as) psicólogos (as), de modo informal, sobre sua contribuição nas mais diversas áreas. (PIA SUNDHAGR; RENATO GAÚCHO).

Assim, é notório que os conhecimentos sobre psicologia foram identificados, mesmo que tenha sido de forma mínima. Sendo assim, acima com a fala dos professores conseguimos entender que os conhecimentos se deram por meios das possíveis aproximações com as teorias da Psicologia Histórico-Crítica e Pedagogia Histórico-Cultural e também na perspectiva a partir de diálogos entre sujeito com conhecimento clínicos da área da psicologia junto a sujeitos com conhecimentos empíricos que vem a partir das nossas percepções.

Entendemos, assim, devido aos referenciais teóricos citados assumirem o sujeito como ser histórico, ou seja, o ser humano é uma construção histórica, sendo as ponderações de Dermeval Saviani para o desenvolvimento e emancipação coletiva (FARIA; ASBAHR, 2020 *apud* SAVIANI, 1984).

Além disso, (PAINI; ROSIN; CAMBAÚVA, 2012), assegura:

Pode-se, assim, afirmar que a Psicologia representa a produção humana, o que justifica sua análise do ponto de vista histórico-social. É na articulação da vida material com a vida espiritual humana que se entende o desenvolvimento das ideias psicológicas, a ciência psicológica, suas teorias, seus métodos e sua aplicação.

Comprovamos ainda mais na integra a importância dos professores de EF acumularem debates acerca da psicologia. Segundo (PAINI; ROSIN; CAMBAÚVA, 2012), afirma que nas bibliografias existentes sobre a psicologia científica indicam que o papel é de grande significado e valor para o meio social, sendo no sentido do conhecimento e/ou

no viés profissional principalmente em tempos contemporâneos com o crescimento acelerado da tecnologia.

Por outro lado, detectamos que na formação inicial dos professores existiu debates relacionados a temática e disciplinas sobre psicologia e educação. Dessa forma, debruçando na análise das falas dos sujeitos encontramos a prevalência do contato e a ciência da importância para a sua formação e conduta profissional. Um exemplo disso, é as problemáticas da psicologia na graduação.

Sim, o contato se deu durante uma disciplina que tratava da relação entre psicologia e educação. Entendo que a sua importância na minha formação foi a de apresentar as fases e momentos de desenvolvimento da aprendizagem, como foi baseada na psicologia Histórico-Cultural, estudamos as crises e as funções psicológicas superiores e como lidar com esses momentos na educação. Contudo, foi uma disciplina bastante introdutória. (PIA SUNDHAGR).

Mediantes as possibilidades em função da concepção pedagógica da teoria Histórico-cultural, afirma está enfrentando uma provocação, isto é, seguir o progresso referente a uma maior apuração acerca dos conhecimentos históricos elaborados pelos pioneiros da teoria. Ressaltando que esses conhecimentos são ricos, valiosos e fundamentais para sistematização dos objetos de estudo da psicologia e educação (FARIA; ASBAHR, 2020). Lembramos também uma passagem da fala sobre as funções psicológicas superiores que é fruto do pensamento de Vygotsky responsável em alavancar a psicologia de forma significativa.

Para Vygotsky, as funções psicológicas superiores constituem-se em função da história social do homem. Por isso, não se pode deixar de destacar também a Psicologia histórico-cultural, com uma pequena introdução ao pensamento vygotskyano. Nosso interesse em trazer para discussão aspectos de uma teoria crítica da Psicologia – a abordagem Histórico-Cultural – consiste em subsidiar os alunos a internalizar os conceitos científicos, para que, ao se tornarem educadores (profissionais), atuem como mediadores no processo de apropriação do conhecimento científico pelas novas gerações. (PAINI; ROSIN; CAMBAÚVA, 2012, p. 75).

O apontamento é que há a necessidade de atrelarmos outros tipos de teorias ao rol de conhecimento do currículo inicial, pois são estudos que debruçam na questão do desenvolvimento humano e nos ajuda a dialogar com diversos debates da psicologia e educação de forma sistêmica e não degradada. Além disso, Paini; Rosin; Cambaúva, 2012, p. 70, implica o tema da psicologia e educação, “[...] Dado que a história da Psicologia tem uma estreita relação com a Educação, pretende-se, neste item, mostrar que, na literatura vigente, a educação foi um dos primeiros campos de aplicação da Psicologia no Brasil [...]”. Partimos, assim, para a fala de outro professor que nos chama atenção.

Na graduação pude compreender mais sobre a psicologia relacionada aos esportes, ministrada em uma disciplina chamada "psicologia do esporte". Sem dúvida essa disciplina me oportunizou a conhecer e reconhecer de que os praticantes de esportes, seja ele de alto nível ou amador, está envolto por variadas situações, dentre elas a de cunho psicológico, que podem influenciar substancialmente em seus objetivos. Por isso, considero esta temática de extrema importância em minha atuação profissional, pois, reconhecer o ser humano, sua cultura, seu processo de formação e suas particularidades nos possibilita reorganizações, reestruturações e adequações em nosso campo profissional para que atendamos nossos alunos (as) da forma mais humana possível e assim consigamos compartilhar os conhecimentos de forma menos excludentes. (RENATO GAÚCHO).

Conforme (PAINI; ROSIN; CAMBAÚVA, 2012), não se pode negar o desempenho da psicologia de forma histórica para a sociedade. Bem como, junto a diversas áreas do conhecimento na qual é desempenhada a partir do acompanhamento dos costumes com que o indivíduo produziu a dinâmica de compreender as relações interpessoais na sua forma e estrutura mais complexa.

Então, no sentido da relevância dos conhecimentos do desenvolvimento humano, da psicologia no curso da vida e de formação estão sendo atrelados, porém muito no viés introdutório. Aconselhamos que as faculdades de Educação Física (EF), encarem o debate com mais firmeza dentro dos currículos acadêmicos, junto aos diversos cursos da área das ciências humanas com intuito de trazer um debate mais pedagógico e educacional. Tendo em vista a sua importância para profissão, pessoal e social, com o acúmulo no mínimo conceitual do assunto. Visto que o debates ainda são descuidados na formação inicial como explica (SILVA et al., 2014. p. 134).

Apesar de todas as oportunidades criadas para aproximar a formação inicial em EF das demandas vivenciadas na intervenção profissional na Atenção Básica à Saúde (ABS), a exemplo do Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde, a atenção à saúde mental (ASM) continua sendo um tema negligenciado nessa área de formação inicial.

Por outro lado, destaca-se também a importância de o professor ter contato mais aprofundado na sua formação inicial sobre temas que tratam do comportamento humano. Pois, os professores de EF que atuam nos espaços não escolares agenciam alguns debates indispensáveis no atual cenário social e profissional. A exemplo disso, é o problema da psicologia e saúde mental para o currículo dos professores na graduação, onde deve ser instalada e direcionada de maneira mais severa. Assim, dialogamos que essa ponderação vai na contramão com o que professor Tite diz sobre a formação inicial “[...] bem pouco na

graduação, más ao longo da minha atuação profissional observei a importância da gestão de pessoas no meio do futebol [...]”.

A última declaração nos mostra que os temas que tratam do comportamento humano na sua subjetividade ainda são negados e não reconhecidos de forma plena. Diante disso, percebemos que muitas vezes é preciso que o sujeito se insira no mercado de trabalho para ter consciência da importância de tal estudo para sua prática pedagógica. Isso por causa do tema ser distribuído de maneira introdutória nos currículos acadêmicos.

Por fim, uma breve análise sobre a formação continuada nas falas dos sujeitos professores referente a inserção dos conhecimentos do comportamento humano em sua conduta pedagógica. Mostrou-se que há essa inclusão no trato pedagógico dos professores, dessa maneira defendemos problematizando que inaceitável que a formação do professor EF inicial e continuada não debruce no tema da saúde, junto a suas derivações relacionadas a saúde mental a fim de uma conduta mais humanizada.

Assim, lembramos que todos os professores participantes, assumiram o acúmulo do conhecimento, no entanto, na sua maior parte na perspectiva introdutória a partir de teorias diferentes como já citado em tela. E diante disso, conseguem relacionar o tema com o seu trabalho pedagógico com finalidade de ilustrar destacamos a fala de (PIA SUNDHAGR).

“[...] Sim, sempre levo em conta as funções psicológicas superiores para o trato com o conhecimento, em especial a linguagem, a memória e o pensamento [...]”. Além disso, temos (RENATO GAÚCHO), dizendo:

Sim. Temas como o desenvolvimento da empatia, da comunicação, o autoconhecimento são temas que na maioria das vezes se fazer presente na prática pedagógica. Por exemplo (e de modo mais específico na área da educação física) quando trabalhamos com os alunos o tema "jogos", temos a possibilidade de explorar que dentro dessa prática existe a possibilidade de "ganhar ou perder". E ainda enfatizar que, não significa dizer que aquele que perde seja incapaz de continuar efetuando tal tarefa. Isso de certo modo isso pode ser relacionado com contextos do próprio meio social. Reconhecer-se como sujeito que está cercado de variáveis "negativas e positivas" propicia compreender/refletir sobre as pluralidades que podem ocorrer no decorrer de nossa construção como seres humanos.

Em decorrência disso, voltamos a retificar a importância da psicologia, porém, agora no sentido de intervenção na área da saúde e ainda no sentido humano na sua individualidade. Com base nas declarações acima, dialogamos da seguinte maneira, a psicologia é um campo de atuação pedagógico capaz de assumir um mundo mais acessível e uma Educação Física mais humanizada. Em relação a psicologia da saúde se configura em

dois vieses epistemológicos, fundamental a fim de entender a dinâmica comportamental em função da saúde-doença, sendo:

A primeira é a abordagem da ciência natural, que equipara a psicologia ao campo das ciências físicas e naturais e está à procura de uma versão única e verdadeira da realidade. A segunda é a abordagem humanística, que estuda comportamentos e experiências, almejando desvelar significados e interpretações subjacentes, e reconhece a peculiaridade e complexidade da experiência humana. (TRAVERS-YÉPEZ, 2000, p. 50 *apud* MARS et al., 2000).

Com isso, compreendemos que ter uma formação continuada a base dos conhecimentos da psicologia é assumir um compromisso com o trabalho pedagógico de forma mais humanizada, ou seja, uma educação física mais progressista e diferente do modelo tradicional, militarista etc. A partir das demandas de se trabalhar com o futebol e práticas corporais em geral.

Os professores entrevistados aplicam os conhecimentos da psicologia e conseqüentemente desenvolveram um viés diferente de saúde no seu trabalho pedagógico. Isso corrobora que a visão desenvolvida não é a tradicional de saúde, caracterizado apenas como ausência de doença.

A permanente presença da doença e do sofrimento no cotidiano das pessoas tem gerado a tendência natural de pensar a saúde em termos de “ausência de doença”, ou seja, como ausência de sinais objetivos de que o corpo não está funcionando adequadamente, e/ou de sintomas subjetivos de malestar, doença ou lesão (Sarafino, 1994). Além disso, o estudo sistemático (TRAVERS-YÉPEZ, 2000, p. 50).

E assim, de maneira direta ou indireta abordando questões psicológicas e/ou da saúde mental que de alguma forma pode agregar ao ensino da sua prática corporal (especificamente o futebol), no seu sentido mais humano devido o professor conseguir fazer relação do tema com o ensino do futebol. E baseado a isso, disseminar ensinamentos do futebol agregado sempre aos princípios da psicologia/saúde mental, pois, segundo (FIGUEIREDO, 1945), as matrizes do pensamento psicológico são baseadas no que ele denomina de matriz romântica e pós-romântica, na qual tem como objetivo principal a subjetividade e a visão humanizada de sociedade e nessa compreensão a psicologia foi se constituindo, além da matriz cientificista baseada no estudo objetivo e natural de sociedade.

4.2 Conhecimentos dos professores a respeito do futebol e saúde mental.

A foco de debate agora é voltada especificamente para saúde mental e futebol. E como ponta pé inicial temos como função analisar quais os conhecimentos teóricos/práticos da saúde mental ou temas que se aproximam da problemática do comportamento humano são considerados relevantes para o trabalho dentro do âmbito do futebol. Em função disso, concluímos por meio das falas dos sujeitos que alguns enfoques sobre o problema são direcionados no trabalho dos professores, entretanto, as respostas vieram em campos diferentes acerca dos conhecimentos e aplicações no contexto do futebol.

Algumas perguntas vieram na dimensão e aplicação dos conhecimentos no futebol do alto rendimento, isto é, encarando e agregando como elementos integrado ao treinamento do futebol performance tal como a técnica, tática etc. Assim, apontando como tema importante também para o trabalho do ensino do futebol, nesse sentido é possível observar que a preocupação maior é com a formação de atleta, porém sem negar a condição de ser humano.

Conhecer o ser humano é uma dádiva, saber que as aplicações de fisiologia, bioquímica, etc... ajudam acerca do treinamento e montagens das sessões de treinamento, porém uma conversa “cara a cara” pode mudar tudo e entender e conectar o real motivo daquela pessoa não estar tendo um aproveitamento satisfatório nas sessões de treinamento. (ZIDANE).

O trabalho do professor em de EF em qualquer área (escolar ou não), deve permear uma conduta pedagógica com visões diferentes e não dicotômica das coisas, assim corroborando a afirmativa do ser humano ser uma dádiva. Ou seja, como a concepção ultrapassada de pensar o corpo e mente como componentes separados, somos corpos sistêmicos, o corpo é histórico e todas as memórias e trajeto devem ser considerados. Assim, o professor deve se apropriar de teorias capazes de entender o homem de forma mais complexa e aplicar o acúmulo em seu trabalho pedagógico, como dialoga com Saviani, 2008, p. 11 “[...] o homem necessita produzir continuamente sua própria existência. Para tanto, em lugar de se adaptar à natureza, ele tem que adaptar a natureza a si, isto é, transformá-la. E isto é feito pelo trabalho. [...]”.

Bem como, ainda pegando a fala do professor em relação aos sujeitos por algum motivo ou não, está desempenhando um rendimento não satisfatório no treinamento. A psicanálise de Freud aponta que existe casos que podem atrapalhar o sujeito de maneira que nem o próprio é capaz de rever, isso porque simplesmente a relação está em seu inconsciente que dificulta o processo de ensino e aprendizagem. Consisti em situações que estão sendo

reprimidas e que tem o acesso bloqueado a consciência devido a efeitos internos que implicam a uma censura (BOCK et al 1999, p.5-6).

Por outro lado, encontramos resposta também no sentido de trabalhar a formação sem a devida preocupação com construção do atleta. Vimos então, que alguns professores consideram o futebol como um campo de temas transversais (machismo, homofobia, racismo e entre outros), então, podemos consideram o futebol como um campo de resistência. Nesse sentido, o futebol adota em sua conduta alguns comportamentos que se repetem e podem trazer à tona efeitos favoráveis ou contrário para a saúde mental do sujeito, como explica (PIA SUNDHAGR).

Entendo que o futebol tem alguns pontos centrais para trabalhar o tema da saúde mental, em sua maioria, são temas polêmicos. O futebol é um fenômeno social e expressa na sua prática formas de vida. Essas formas de vida que internalizam comportamentos padronizados e que interferem na formação da subjetividade e assim, implicam na saúde mental de quem pratica.

Diante disso, relatamos a potencialidade de influência que o futebol pode assumir na vida de um sujeito ou de uma sociedade. A prática do futebol é muito semeada no Brasil e no mundo, segundo (ABIB; FRAGA; WACHS, 2010), a prática do futebol é bem espalhada na cultura do brasileiro e tem suas interfaces agregadoras na vida dos usuários nos diversos grupos sociais. Certamente temos a ciência que o futebol pode adotar um caráter terapêutico para jovens e adolescente que praticam a modalidade, no entanto existe a possibilidade também de tomar um efeito negativo na formação subjetiva e saúde mental do indivíduo.

Mas também, como Renato Gaúcho, afirma na direção do conhecimento teórico/práticos da saúde mental para o ensino do futebol, no contexto da formação futebolista com conduta mais humanizada, objetivando que os sujeitos reconheçam por meio da prática da modalidade diversas relações humanas. Como reconhecer a sua singularidade, sua construção cultural e humana. “[...] Autoconhecimento, confiança, leitura da realidade social, comunicação, relações interpessoais são alguns desses conhecimentos que penso ser indispensáveis para o contexto do futebol [...]”. (RENATO GAÚCHO).

Concomitante a isso relatamos que esta fala chama a atenção, pois um estudo que trabalhou a partir de uma investigação sobre o significado terapêutico que alguns sujeitos que sofrem com o problema do adoecimento mental davam para prática do futebol em uma unidade do Centro de Atenção Psicossocial de Porto Alegre -CAPES- por cinco

semanas. Um estudo etnográfico que contou com a participação de 6 a 11 sujeitos, bem como, sujeitos da própria CAPS e graduandos em EF e Terapia ocupacional e entre outros (idades de 15 a 50 anos). As análises foram a partir de diários de campo em função das observações das oficinas de futebol. (ABIB; FRAGA; WACHS, 2010)

E em uns dos recortes dos registros de campo mostrado no estudo acima cita uma conduta que conversa de forma aproximada com a fala em tela do professor (RENATO GAÚCHO). Pois, a dinâmica era construir de forma coletiva e recíproca dinâmicas e ações assertivas, leais na partida a fim de coibir jogos truncados com efeitos que não conversem com aquilo que se busca e que de alguma forma podem prejudicar o próximo ou a si mesmo. Como procurar sempre não chutar a bola muito forte para não ter pausas longas na partida e não correr o risco de alguém se machucar com uma 'bolada". (ABIB; FRAGA; WACHS, 2010). Assim, desenvolvendo os elementos abordados no presente debate pelo professor Renato Gaúcho.

Esse "autocontrole" durante a oficina é algo que fazia sentido para cada um dos participantes, pois percebiam que, ao evitarem jogadas como um "bicão" ou uma falta desleal, estariam protegendo a si mesmos e aos outros. Um efeito terapêutico bastante importante para o tratamento em curso no CAPS. O coordenador da atividade buscava mostrar aos usuários que a oficina era um espaço para se jogar "com" e não "contra" os outros, reforçando a ideia de cooperação em atividade coletiva e de que o futebol não requer violência para que haja prazer no ato de jogar. (ABIB; FRAGA; WACHS, 2010, p. 7)

Em decorrência disso, discutimos que noções como essas podem servir como ferramenta para a construção e ajuda terapêutica para os sujeitos com sofrimentos psíquicos dentro do trabalho com futebol. Diante das falas confirmamos que é possível a prática do futebol adotar um caráter direcionado a uma ajuda social dependendo de como tal prática está sendo implantada para esse fim e onde o futebol está sendo desenvolvido.

Segundo Abib (2008), o lócus da saúde mental no Brasil vem tendo seu progresso nos últimos tempos. Com a chegada da Reforma Psiquiátrica (1970), a temática vem ganhando voz em meio ao um sistema sanitário que cresceu no âmbito da saúde. E um responsável por tal é a criação das CAPS, que assumem a função social de oferecer acolhimentos clínicos constantes com finalidade de fuga nas internações em clínicas psiquiátricas.

Por consequência dessa evolução hoje é possível ter acesso a um atendimento mais humanizado e descentralizando as forças em instancias que não trabalham com projetos terapêuticos de inclusão por meio dos esportes. Como destrincha (ABIB, 2008, p. 8 *apud* MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2005), "[...] prestar atendimento clínico em regime de

atenção diária, evitando assim as internações em hospitais psiquiátricos; promover a inserção social das pessoas com transtornos mentais através de ações intersetoriais [...]”.

Então, as CAPS assumem um papel indispensável no processo terapêutico dos sujeitos com transtornos mentais. Com características interessantes de trazer o futebol para o trabalho e reflexão sobre a questão em algumas unidades. Sendo assim, atendemos esses conhecimentos sobre saúde mental como aliados ao trato pedagógico do professor de EF nas aulas de Futebol. Conforme analisamos nas falas que os conhecimentos podem ajudar de diversas forma, sendo mais uma vez no sentido duplo (para um melhor trato pedagógico com intuito de formação humana e com intuito de uma maestria relacionada a construção de atletas).

Um exemplo disso é, ajuda a entender o ser humanos na sua totalidade e compreender o coletivo, bem como, é fator para o planejamento pedagógico e é preciso ter pelo menos o básico dos conhecimentos sobre saúde metal.

Como abordei em tópicos anteriores, o futebol está inserido também em um contexto social e político. Trabalhar tais conteúdos visando as relações que esses alunos e alunas poderão ter no meio social, profissional etc., são de fundamental importância no sentido de auxiliá-los a estar cientes de possíveis situações que poderão vir a ocorrer em suas trajetórias de vida. (RENATO GAÚCHO).

Além disso, percebemos também que é importante acumular os debates sobre a problemática, porque o futebol de rendimento precisa de atletas mais preparados. E assim, conseguem controlar suas emoções e diversidades no esporte. “[...] A saúde mental é tão importante de ser promovida, monitorada e tratada quanto a saúde física. Sabemos que treinadores e jogadores precisam estar fortalecidos mentalmente e com bem-estar preservado para conseguirem desempenhar bem suas funções[...]” (TITE).

Desse modo, as práticas corporais enquanto elementos constituintes de uma determinada comunidade podem induzir algum tipo de vínculo com o usuário, logo o “desenvolvimento de práticas que façam sentido para o usuário pertencente de determinada comunidade se torna, dessa forma, importante instrumento terapêutico” (ABIB, 2008, p. 23 *apud* WACHS, 2007, p. 95).

Independente do objetivo que se tem com o futebol, formação humana ou atlética, é abundante para o trabalho do professor assumir em seu processo os conhecimentos da saúde mental. Ao longo do capítulo o futebol foi percebido como fator capaz trabalhar em prol terapêutico a partir dos conhecimentos do professor e por meio da aplicação do mesmo como componente para o ensino do futebol.

Voltamos a dizer que a Reforma Psiquiátrica (1970), trouxe uma nova abordagem acerca da saúde mental, a ideia agora mais cuidadosa com o tema. Os manicômios deram espaço para programas comprometidos com o processo terapêutico com intuito de reintegração e restauração psicossocial de quem desenvolveu adoecimentos psíquicos (ABIB; FRAGA; WACHS, 2010). Com a visão mais aguçada sobre saúde vem muito em detrimento a criação da Organização Mundial da Saúde -OMS- em 1945, a propagação da saúde para além da ausência de doenças se deu a partir disso (OLIVEIRA, 2017).

Ainda defendendo essa visão mais complexa de saúde, a situação foi pauta na VIII Conferência Nacional de Saúde, afirmando que “[...] saúde é o resultante das condições de alimentação, habitação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso e posse da terra e acesso aos serviços de saúde. É, assim, antes de tudo, o resultado das formas de organização social de produção, as quais podem gerar grandes desigualdades nos níveis de vida [...]” Relatório final da 8ª Conferência Nacional de Saúde, 1986, p. 4.

Destacamos assim, na opinião dos professores trabalhar com o futebol em prol da saúde mental para quem necessita de trabalhos terapêuticos podem trazer alguns efeitos em forma de benefício para sintomas de ansiedade e depressão. Na dimensão futebol performance vem na condição que os atletas têm para externalizarem seus conflitos de sentimentos, serve como preparação emocional e lidar com as diversidades extracampos, e o futebol também pode ajudar conforme algumas palavras usadas na interação social, automotivação, autoconfiança, queda na tensão e alívio de ansiedade desportiva trazendo uma reconexão com a sociedade.

Resumimos as falas e anexamos de acordo com (RENATO GAÚCHO);

Existem diversos estudos que apontam a relação direta entre a diminuição dos níveis de ansiedade e depressão associado a práticas regulares de exercícios físicos, práticas esportivas e afins. Atividades em grupos também parecem proporcionar a diminuição desses níveis melhorando a saúde mental dos indivíduos.

A afirmativa é comprovada pelo estudo de (ABIB, 2008), que teve como objetivo trazer como pauta debates acerca da prática do futebol em meios terapêuticos para sujeitos usuários de saúde mental como diz Wachs (2007), o intuito é inserir o desporto no tratamento dessas pessoas com depressão, dependência química, esquizofrenia, transtorno bipolar etc. Esse estudo encara a partir de inquietações de como a EF pode adentrar na área da saúde mental e disseminar a problemática na esfera de construção profissional.

Em afirmação temos também (LOPES, [s.d.] *apud* SANTANA, 2017), alega que atividade e/ou exercícios físicos podem ser articulatórios para o tratamento dos sintomas depressivo de maneira parcial ou completa. Como efeito positivo podem ser acompanhados por meio da estabilidade emocional, autoimagem a partir de uma apreciação favorável, um melhor otimismo em relação a esperança, um melhor aproveitamento e controle psíquico, bem como, avanço na interação social e queda significativa em pontos negativos como insônia e tensão.

Porém, em meio as falas o que chama a atenção é a fala da (PIA SUNDHAGR), que se desmembrou em sentido contrário:

Dependendo da organização da prática, pode apresentar ou não caminhos de se entender como sujeitos em sociedade. Compreender que a saúde mental é complexa e não pode ser individualizada. Entender um ponto que considero central, o que adoce cada um dos sujeitos é como nos inserimos, em cada subjetividade, na estrutura social, o grande problema é a estrutura social.

A afirmativa é tanto quanto interessante, porque estudos que tratam da interface da saúde mental com a prática do futebol, vem dialogando de forma positiva em decorrência terapêutica com os sujeitos usuários de saúde mental. Em estudos desenvolvidos na CAPS região metropolitana de Porto Alegre, onde encontra-se locais que trabalham com oficinas de futebol, mostrou-se relatos de que [...] o futebol pode se constituir como uma ferramenta da educação física usada com diferentes tons no interior do CAPS. Pode ser utilizado como um dispositivo terapêutico que oferece continência ao sofrimento. [...] (WACHS, 2008, p. 100).

Por outro lado, certamente a estrutura social é uma grande questão, porque está enraizado o problema da competição no contexto da sociedade (escola, esporte do alto rendimento e com o esporte terapêutico não é diferente). Conforme o pensamento e estudo existem julgamentos severos sobre a competição colocando-a como ponto de empecilho para construção de uma sociedade mais justa e como um modo de produzir subjetividades ajustadas ao sistema capitalista de organização social. (WACHS, 2008).

Entende-se, que no futebol em formato terapêutico, a competição pode ser brechas que possibilita intervenções pedagógicas por parte do professor em função do processo. E isso pode trazer ações e efeito positivos ou negativos, por isso é relevante a resposta do professor em relação a estrutura social ser o grande problema. E percebemos isso com (WACHS, 2008, p. 109).

Na cena acompanhada na oficina, é possível perceber de que modo a vitória ou a derrota em um jogo de futebol afetam as relações entre os usuários e abre brechas para uma intervenção terapêutica. O professor interroga determinado usuário sobre sua frustração em ter perdido a partida do dia (CAPS C, *Diário de campo*, em 26/01/08). Ele e outros afirmam que, quando vêm para oficina de futebol, querem ganhar a partida

Diante de tudo que já foi exposto os professores foram questionados se enxergavam alguma limitação acerca da correlação entre a prática futebolística e saúde mental. A prevalência das respostas foi ressaltando que existem limitações sobre a relação. Como sabemos o futebol é um fenômeno sociocultural muito forte dentro de uma sociedade capitalista e a prática é algo tão naturalizado que todas as classes (Pobre e elite) de alguma forma tem contato com o desporto. Ainda afirma que esse acesso vem à tona a partir de competições, de maneira lúdica (como os jogos e brincadeira com os pés citados na introdução), pelo Estado ou Municípios e com intuito de atuar na conexão social a partir das práticas em projetos sociais, escolas, sistemas públicos etc. (VALENTIN; COELHO, 2005)

De modo ainda é encontrada limitações na relação futebol e saúde mental. Como analisamos com Pia Sundhagr; Tite; Renato Gaúcho. “[...] Sim, não sei se consigo tratar das superações, mas os limites são de compreensão das práticas dentro de um contexto maior que determina as ações. Mudar as práticas futebolísticas necessitam imaginar uma outra organização e de como cooperar [...]” (PIA SUNDHAGR). “[...] Sim! Pois ainda existem pouco investimento na área da psicologia no futebol, precisamos desse profissional não atuando somente quando estiver um problema e sim no dia a dia do clube, sendo um facilitador no processo, cuidando da tanto da saúde mental pessoal e esportiva [...]” (TITE).

Segundo (SILVA et al., 2014) no cenário contemporâneo no Brasil o modelo de Atenção à Saúde Mental -ASM- configurado na integralidade e na questão multiprofissional, trouxe possibilidades a fim de trabalhar a inserção de práticas sanitárias inovadoras. Ou seja, há necessidade de implantar a atividade física (AF) como elemento integrado ao que é denominado de “projeto terapêutico singular” no qual alongou a visão de espaços e oportunidades de atuação do profissional de EF nos serviços terapêuticos a saúde mental. Porém, a intervenção pedagógica ainda é muito simples, superficial e confusa.

Sim. Infelizmente as práticas futebolísticas ainda enfrentam uma influência machista, onde reconhecer problemas psicológicos principalmente relacionados ao gênero masculino é sinal de fraqueza e "frescura". Essa construção acaba por dificultar as intervenções pedagógicas e específicas da área da psicologia nos ambientes. Sabemos que atualmente existe sim uma maior preocupação no quesito psicológico para com o cuidado com os jogadores, porém ainda existem limitações como a citada acima que outrora interfere no trabalho. Acredito que

um dos pontos centrais para essa superação seja a conscientização de todos aqueles que fazem parte da organização futebolística. essa conscientização deve ser feita a partir de dados reais e científicos que corroborem com a temática em questão. Uma vez a equipe estando convicta da importância dessa abordagem, é possível que na organização da intervenção se proponha temáticas parem serem abordadas nos próprios treinamentos e ou em outros espaços, para que então os alunos também possam tem contatos e aproximações sobre. Vale ressaltar o papel importante de uma equipe profissional das mais diversas áreas, que possibilitem o trabalho em conjunto para esta intervenção. (RENATO GAÚCHO).

Dessa maneira, acreditamos que esse cenário pode ser melhorado devido aos estudos existentes ainda que seja de forma lenta acerca da construção recíproca que o futebol e saúde mental podem assumir. Conforme (SILVA et al., 2014), relata que temáticas referentes a formação e a atuação do profissional de EF na Atenção à Saúde Mental (ASM) ainda são pouco exploradas.

Contudo, percebemos com (ABIB, 2008 *apud* BYNGTON et al., 2006), ressaltam que o futebol pode ser uma escola e ensinar aos seus praticantes e plateias a encarar as diversidades sentimentais/emocionais. A exemplo disso, aponta a agressividade, competição, inveja, depressão, amizade e entre outros que podemos citar também como a ansiedade, angústia, tensão, estresse etc.

Acreditamos que algumas coisas podem ajudar a melhorar essa questão dos limites saúde mental e futebol citado pelos professores, assim, diminuir ao máximo a problemática. Já vimos ao longo do estudo que a EF vem evoluindo nos espaços de saúde mental muito em função do surgimento dos CAPS. Esse ponta pé se deu com o acontecimento da reforma psiquiatria já mencionada em tela, o principal intuito é aproximar os sujeitos das famílias, amigos e sociedade. E essa aproximação vem muito por meio das oficinas de futebol no CAPS.

Entendemos que a escolha do futebol nesse espaço vem em diversos sentidos e na sua capacidade de mobilizar massas e movimentar uma serie de sentimentos e causas sociais, junto também as incansáveis lutas que estão associada ao desporto e lembrando que o Esporte estar no rol da cultura corporal. Explicamos isso com (ABIB; FRANGA; WACHS, 2010, p. 2).

Dentre essas atividades, algumas estão relacionadas às práticas da cultura corporal construídas historicamente pela humanidade (SOARES et al., 1992): dança, esportes, ginástica e jogos. Tais práticas, de acordo com Wachs, são elementos “constituintes de uma dada comunidade e constituídas por elas, de tal forma que se configuram como um potencial veículo de pertencimento” (Wachs, 2007, p. 95), e, com isso, podem vir a se tornar um importante instrumento terapêutico, desde que o seu desenvolvimento tenha algum significado para o usuário.

Com isso (ABIB, 2008), relata através de um recorte a narrativa de um dia de oficina de futebol no CAPS, registrada no diário de campo. Analisamos que a narrativa transita apontando um cenário onde é possível interpretar vários momentos de válvula de escape ou até mesmo de fuga de períodos que vamos chamar de “inferno pessoal” no qual as pessoas usuárias de saúde mental se encontram. A seguir o trecho do registro de campo para representar nossa afirmativa.

Algum tempo depois do almoço, horário normalmente reservado ao descanso, surge o convite para uma partida de futebol. Os que aceitam seguem em direção ao campinho mais próximo. Dia ensolarado, tarde bem quente. Todos concordam em jogar no espaço do campo mais coberto pela sombra. Os participantes ajudam a montar o espaço de jogo pegando tijolos para fazer “as traves” no estilo popularmente chamado de “gol fechado” (medem-se três ou quatro passos da pessoa que está montando a trave). Depois de arrumarem o campo, os participantes se dividem em duas equipes. O jogo vai começar! (ABIB, 2008, p. 7).

Quando o jogo começa é possível ver uma grande interação entre os participantes e dos participantes com o meio em que estão. Há dribles, jogadas bonitas, gols comemorados, bolas divididas, reclamações por parte daqueles que estão jogando, simulações de falta, incentivo, estímulo verbal; enquanto há aqueles mais participativos no jogo, há outros mais quietos e que buscam menos o jogo. (ABIB, 2008, p. 7).

As pessoas que participaram do jogo se cumprimentam, parabenizam uns aos outros e se juntam para fazerem exercícios de alongamento. Durante estes exercícios são feitos os comentários pós-jogo, em que a maioria dos participantes faz alguma intervenção. Logo após essa parte o campo é desfeito, a bola é recolhida e todos voltam para o local onde estavam antes de serem chamados para o jogo. (ABIB, 2008, p. 7).

Assim, dialogamos agora como justificativa para um melhor desempenho no campo do futebol e saúde mental de acordo com as condutas do CAPS. Concluímos que são voltadas e desenhadas muito no viés educativo como característica principal a formação humana. Então, para que os limites sejam cada vez mais superados, as dinâmicas do futebol com a saúde mental devem abordar plenamente um caráter educativo na sua forma mais complexa para um desenvolvimento sustentável em relação a prática do futebol em formato terapêutico, por isso a importância da temática nos currículos de formação inicial e continuada.

Compreendemos que a educação tem um objetivo, um projeto de formação humana, existe também a dimensão cultural do que é educar e essa dimensão acontece não apenas dentro da escola, mas na relação com a família, com a comunidade e até com a interação a partir das práticas corporais.

Na sociedade atual, pode-se perceber que já não é possível compreender a educação sem a escola, porque a escola é a forma dominante e principal da educação. Assim,

para compreender-se as diferentes modalidades de educação, exige-se a compreensão da escola. Em contrapartida, a escola pode ser compreendida independentemente das demais modalidades de educação. (SAVIANI, 2011, p. 88).

O caminho é a EF escolar e escola em geral como instituição formadora, tem como papel fundamental a formação social dos indivíduos, a fim de que percebam como ser social, sua função e identifiquem os valores sociais e sócios afetivos. Para melhor entender e justificar a ideia de mostrar que os espaços que se ensina o futebol devem ter o cuidado educativo tão quanto as escolas.

De acordo com o referencial teórico histórico-crítica de Saviani que é baseada no materialismo dialético de Karl Marx e com o referencial teórico metodológico do coletivo de autores. Sendo fiel com os 5 passos do referencial teórico é possível trabalhar com questões transversais apresentada na fala do professor Renato Gaúcho. Na passagem da fala é indagada o problema da influência machista no âmbito do futebol que pode ser interpretado como processo que retarda o objetivo terapêutico na prática e ensino da modalidade. É notório que as questões são indagadoras, no entanto existe um caminho agregador que nos habilita a trazer o machismo, o racismo, a diferença salarial entre homem e mulher etc. para dentro do ensino do futebol.

Portanto, em resposta ao problema da pesquisa sobre os conhecimentos da psicologia/saúde mental dentro do contexto do ensino do futebol. Nota-se que é fundamental a valorização da temática em solos futebolístico, curricular com a finalidade de consagrar um trato pedagógico mais humanizado para o ensino com jovens e adolescente. Com intuito também de romper com os limites apresentados em relação a prática do futebol e saúde mental, em virtude do futebol ainda se configurar em moldes que podem interferir na subjetividade humana e saúde mental do ser humano.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Ao concluir esse Trabalho de Conclusão de Curso que tratou da saúde mental e futebol, que teve como objetivo geral investigar e analisar os conhecimentos referentes à saúde mental de professores que atuam com o futebol ficou perceptível pelos dados coletados e analisados que devemos nos debruçar mais sobre a temática, a fim de uma formação e atuação docente mais completa e humanizada. Bem como, há necessidade de deixar uma

contribuição para a universidade e indagar a comunidade acadêmica do curso de EF e afins sobre a importância social de mais pesquisa comprometidas com a problemática da saúde mental.

Além disso, a importância de agregar no rol de estudos do futebol e sua interface com a saúde mental no qual ainda tem seu avanço de forma lenta e a evidente importância da Psicologia da Educação/do Esporte na formação inicial.

Ao fazer uma pesquisa para a revisão bibliográfica nas revistas como, Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Revista Atividade Física e Saúde, Revista Brasileira de Educação foi possível perceber a carência na literatura sobre saúde mental e futebol. Apenas encontramos estudos referente a saúde no contexto físico, do treinamento e entre outros, não foi encontrado resultados de estudos que trabalharam na linha do futebol e saúde mental que seriam mais relevantes para a pesquisa. Em detrimento a essa escassez foi impulsionado a inquietação para investigar o tema.

Ao viés de obstáculo, vale ressaltar também a falta de arquivos de TCC digitais da Faculdade de Educação Física (UFPA/Belém), no qual deixa impossibilitado acessar alguns estudos que possa ter debruçado no problema. E outras limitações encontradas no modelo on-line é a dificuldade de acesso a biblioteca, as pesquisas virtuais deparamos com algumas restrições, como alguns livros pagos e site que exigiam cadastro para acessar o material.

Por outro lado, em virtude das limitações que a pandemia do novo Coronavírus (COVID-19), foi inviável a ida a campo em respeito a vida pessoal e coletiva, juntos as medidas sanitárias que foram fatores que fizeram o estudo caminhar em outros sentidos. Isso dificultou muito o andamento da pesquisa, porque algumas vezes a pesquisa teve que ir se reajustando de acordo com conjuntura atua. Por isso atrelamos o fato de algumas respostas surgirem de modo limitada, já que não houve a condição de contato direto com o sujeito da pesquisa, entendemos que quando é aplicado uma entrevista presencialmente somos melhor atendidos devido as chances de desdobramento das perguntas em outras no ato da entrevista e conseguimos melhor caracterizar o trabalho.

Um exemplo é a configuração do trabalho que ia ser conduzido e pensado a partir do Projeto Social Academia e Futebol da UFPA gerenciado pela Linha de Estudo e Pesquisa em Educação Física, Esporte e Lazer (LEPEL), grupo vinculado a faculdade de Educação Física da UFPA, no qual participei como bolsista por dois anos e não foi possível por conta dos longos tempos de pandemia, confinamento e suspensão das atividades etc. Diante disso, os debates ficaram no campo das ideias e o processo de formação do projeto não se tratou do

conteúdo saúde mental e futebol, tendo em vista que isso é considerando formação continuada.

Outrossim, é que o cenário pandêmico que trouxe fortemente o debate da saúde mental referente a qualidade de vida das pessoas. A saúde mental dos sujeitos passou a ser vista de outra maneira, destacamos a valorização do equilíbrio emocional no cenário contemporâneo, segundo o Ministério da Saúde, ações financeiras foram feitas para reforça o cuidado à saúde mental dos brasileiros em decorrência e durante a pandemia da COVID-19, foram aproximadamente 99 milhões de reais investido em prol da ampliação e qualificação do atendimento realizado nos diversos Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), com cerca de 2.657 centros e distribuídos em 1.790 municípios brasileiros (MINISTERIO DA SAÚDE, 2020).

Uma breve síntese sobre os resultados da pesquisa, foi detectado que os professores desenvolveram de forma introdutória alguns conhecimentos psicológicos na sua formação acadêmica (graduação) e formação continuada, sendo, algumas respostas no viés pedagógicos baseado em teoria histórico-cultural e outras voltadas para a esfera da performance. Ademais, alguns professores apontam que os conhecimentos sobre saúde mental são elementos integrado ao treinamento desportivo e o futebol pode agregar diversos efeitos na saúde mental do sujeito, não necessariamente positivos. Concomitante a isso, pautou-se que ainda existem limites entre a prática do futebol e a saúde mental.

As formações dos professores são muito recentes, a maioria dos professores (60%) encontra-se na faixa etária de 20 a 30 anos. Ou seja, um público jovem que ainda não alcançaram nem 10 anos de formado. A tabela 1 (capítulo III), nos mostra que os professores se formaram a partir dos anos 2000, sendo 2006 o mais antigo entre os professores da faixa etária e o professor com formação mais recente em 2020.

E de modo reflexivo indicamos a negligência e negação do assunto na sua formação inicial dos professores. Pois, os conhecimentos vêm percebidos de forma simplifica e introdutória nos currículos acadêmicos com base na fala dos professore. Então, é necessário ampliar para além das disciplinas na formação, com cursos de aperfeiçoamentos e de especializações que tratam do tema.

Por consequência abrir as possibilidades de sistematizar e corroborar as práticas corporais como medidas terapêuticas. O trabalho tinha como ideia inicial, tratar das práticas corporais do futebol como ferramenta terapêutica com jovens e adolescente usuários de saúde

mental no Projeto Academia e Futebol citado em tela. No entanto, ainda é pretendido continuar o trabalho nessa linha em cursos de pós-graduação.

Visto que, em relato da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2017), cerca de 23 milhões de brasileiros exibem algum tipo de transtorno mental (5 milhões em estados moderados e graves). O Ministério da Saúde no intervalo referente a 2012 e 2016 investiu mais de 5 bilhões de reais, custeio dos estabelecimentos da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), em todo território brasileiro. E com essa informação mais do que nunca a EF não pode negligenciar o contato sobre o assunto na formação dos professores, visto que a EF está inserida também na área da saúde.

Outrossim, destaca-se, em contrapartida que há avanços nos debates acerca da saúde mental e futebol. Mas é necessário que haja mais professores e professoras que tenham pelo menos o mínimo de conhecimento sobre psicologia. Sendo abarcado também pelas variações dos estudos da psicologia, como a saúde mental para que o trabalho pedagógico dele (a) seja voltado também para o entendimento do comportamento e desenvolvimento humano na sua subjetividade.

Concluimos que foi de grande valia a realização do presente trabalho, mesmo com vários limites e condições desfavoráveis. De modo ainda foi plausível trazer o debate para os dias contemporâneos e para uma melhor formação na EF, atuação docente, humana e afins.

6 REFERÊNCIAS

ABIB, L. T.; FRAGA, A. B.; WACHS, F. **PRÁTICAS CORPORAIS EM CENA NA SAÚDE MENTAL: POTENCIALIDADES DE UMA OFICINA DE FUTEBOL EM UM CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL DE PORTO ALEGRE**. *Pensar a Prática*, v. 13, n. 2, p. 15, 2010.

AMADO, J. Ciências da Educação – Que Estatuto Epistemológico? *Revista Portuguesa de Pedagogia*, p. 45–55, 1 jan. 2011.

BARROS, R. D. S; VECCHIA, M. F. **A transformação social do homem**. VIGODSKI, L. S. *Socialisticheskaja pieriedielka chielovieka*, In: VARNITSO, 3, p. 36-44, 1930.

BOCK, A. M. B *et al.* **A evolução da ciência psicológica: psicologia e história**. São Paulo: Saraiva, 1999. cap. 2, p. cap. 3, cap. 5, p. ISBN 9788502078512. Disponível em: <https://ria.ufrn.br/123456789/753> Acesso em: 8 out. 2021.

BOCK, A. M. B. et al. **Psicologia: Uma introdução ao estudo da psicologia**. - 14 edição - Saraiva S. A.-Livreiros editores, São Paulo, 2009.

COUTO, M. C. V.; DELGADO, P. G. G. Crianças e adolescentes na agenda política da saúde mental brasileira: inclusão tardia, desafios atuais. *Psicologia Clínica*, v. 27, n. 1, p. 17–40, jul. 2015.

COUTINHO, M.D.P.D.L (organizadora) e PINTO, A.V.D.L et al. (colaboradores). **PSICOLOGIA E SUA INTERFACE COM A SAÚDE**. João Pessoa, PB : Editora IESP, 2017. 256p. ISBN: 978-85-5597-009-2.

FARIA, B. A. DA S.; ASBAHR, F. DA S. F. Relações entre cultura popular e educação escolar: *Revista Obutchénie*, p. 689–710, 8 dez. 2020.

FIGUEIREDO, L. C. M. **Matrizes do pensamento psicológico**. Petrópolis: Vozes, 2008.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2008.

GOVERNO FEDERAL (Brasil). Ministério da Saúde. **Na OMS, Brasil reforça importância da atenção à saúde mental na pandemia**: País atuou como copatrocinador de projeto que reforça importância da atenção psicossocial durante a pandemia da Covid-19. Brasil: Ministério da Saúde, 9 out. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/na-oms-brasil-reforca-importancia-da-atencao-a-saude-mental-na-pandemia> Acesso em: 8 out. 2021

GOVERNO FEDERAL (Brasil). Ministério da Saúde. **Resultados preliminares de pesquisa sobre saúde mental são divulgados**: Dados iniciais apontam que a ansiedade é o transtorno mental mais presente entre os brasileiros no período. Brasil: Ministério da Saúde, 9 out. 2021. Disponível em <https://www.gov.br/casacivil/pt-br/assuntos/noticias/2020/setembro/resultados-preliminares-de-pesquisa-sobre-saude-mental-sao-divulgados> Acesso em: 8 out. 2021.

GOVERNO FEDERAL (Brasil). Ministério da Saúde. **Saúde investe mais R\$ 99 milhões para ampliar acesso a serviços de saúde mental no SUS**. Incentivo financeiro será destinado à 1.790 municípios que possuem Centros de Atenção Psicossocial. Brasil: Ministério da saúde, 9 dez. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/saude-investe-mais-r-99-milhoes-para-ampliar-acesso-a-servicos-de-saude-mental-no-sus> Acesso em: 7 de out. de 2021

LABOISSIÈRE, P. **No Dia Mundial da Saúde, OMS alerta sobre depressão**. Agência Brasil, Brasília, 7 abr. 2017. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-04/no-dia-mundial-da-saude-oms-alerta-sobre-depressao> Acesso em: 01. maio. 2021.

LOPES, N. M. SILVA, L. C da. **EFEITOS DO EXERCÍCIO FÍSICO NOS ASPECTOS FISIOLÓGICOS, PSICOLÓGICOS E SOCIAIS EM PESSOAS COM DEPRESSÃO**. v. 14, n. 2, p. 13, [s.d.].

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Com identificação de problemas, Ministério quer melhorar a execução da Saúde Mental**. Ministério da saúde, 1 set. 2017. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/com-identificacao-de-problemas-ministerio-quer-melhorar-a-execucao-da-saude-mental> Acesso em 07 de outubro de 2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1993.

OLIVEIRA, J. P. S. **A CONSTITUIÇÃO DOS SABERES ESCOLARES EM SAÚDE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: uma análise sobre a prática pedagógica de professores na Rede Pública Estadual de Pernambuco**. Dissertação (Mestrado – Educação

Física) Universidade Federal da Paraíba; Universidade de Pernambuco, Escola Superior de Educação Física, Programa Associado de Pós-Graduação em Educação Física UPE/UFPB, 2017.

PAINI, L. D.; ROSIN, S. M.; CAMBAÚVA, L. G. As interfaces históricas entre psicologia e educação. **Revista HISTEDBR On-line**, v. 10, n. 38, p. 60, 23 ago. 2012.

RUBIO, K. A psicologia do esporte: histórico e áreas de atuação e pesquisa. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 19, n. 3, p. 60–69, 1999.

SCAGLIA, A.J. **Pedagogia do futebol: construindo um currículo de formação para iniciação ao futebol em escolinhas**, 2011.

SILVA, J. et al. Atividade física e saúde mental: uma experiência na formação inicial em Educação Física. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, v. 19, n. 1, 31 jan. 2014.

SIRGADO, A. P. O social e o cultural na obra de Vigotski. **Educação & Sociedade**, v. 21, n. 71, p. 45–78, jul. 2000.

TRAVERSO-YÉPEZ, M. A interface psicologia social e saúde: perspectivas e desafios. **Psicologia em Estudo**, v. 6, n. 2, dez. 2001.

THIENGO, C.R. **Os saberes e o processo de formação de futebolista no São Paulo Futebol Club**.

VALENTIN, R. B.; COELHO, M. Sobre as escolinhas de futebol: processo civilizador e práticas pedagógicas. p. 13, 2005.

WEINBERG, R. S; GOULD, D. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**: tradução Cristina Monteiro. – 4. Ed. – Porto Alegre: Artmed. 2008. Cap. 4. ISBN 9788536313313.

APÊNDICE

APÊNDICE I – FORMULARIO GOOGLE FORMS

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS – SAÚDE MENTAL E FUTEBOL: OS CONHECIMENTOS REFERENTES A SAÚDE MENTAL DOS PROFESSORES QUE ATUAM COM O FUTEBOL.

Este questionário é a primeira etapa da coleta de dados dos estudos do Trabalho de Conclusão de Curso cuja temática é "SAÚDE MENTAL E FUTEBOL: OS CONHECIMENTOS REFERENTES A SAÚDE MENTAL DOS PROFESSORES QUE ATUAM COM O FUTEBOL" vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisa LEPEL do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará, sob a responsabilidade do discente XXXXXXXXX sob a orientação da professora XXXXXXXX. E tem como objetivo, investigar e analisar os conhecimentos referentes a saúde mental e futebol dos professores que atuam no contexto do futebol com jovens e adolescente. Nessa etapa os docentes irão, de forma voluntária, responder as questões que aqui estão sendo apresentadas. A segunda etapa, serão realizadas entrevistas para que os docentes se expressem livremente sobre o tema do objeto desta pesquisa.

Nesse sentido, apresentamos abaixo algumas orientações para facilitar o preenchimento deste instrumento:

- a) O questionário possui 18 questões, sendo algumas fechadas e outras que se desdobram em subitens “especifique” ou “cite” ou "descreva", colocadas intencionalmente, caso as opções apresentadas não contemplem a sua resposta.
- b) Atente ao comando das questões, por vezes, este indicará que marque/assinale uma única opção. E outras vezes, que prossiga no subitem seguinte o complemento da sua resposta numa ordem de importância/relevância pessoal.
- c) Não há necessidade de identificação;
- d) Solicitamos a sua colaboração no sentido de responder por completo o questionário, pois, as questões apresentadas são fundamentais para o alcance dos objetivos da investigação e poderão contribuir para a análise da realidade.
- e) Em caso de dúvidas acerca do preenchimento do questionário, sinta-se à vontade para esclarecê-las via (Telefone/Whatsapp);
- f) Pedimos a sua colaboração para devolver o questionário até 05 de setembro 2021. A devolução poderá ser feita para o e-mail:

Agradecemos antecipadamente sua participação na pesquisa.

1-Dados pessoais/profissionais

Abaixo segue as perguntas referentes ao primeiro momento.

1.1-E-mail

1.2-Nome

1.3-Faixa etária

20 a 30 anos

31 a 40 anos

41 a 50 anos

mais de 51 anos

1.4-Gênero

Feminino

Masculino

Prefiro não dizer

Outro

1.5-Possui vínculo com alguma instituição? Se sim, qual?

1.6-Instituição de Formação (ano)**1.7-Formação Continuada**

Não possuo

Especialização

Mestrado

Doutorado

1.8-Em qual(is) área(s)?**1.9-Atua na Educação Básica?**

Sim

não

1.10-Espaço de atuação

Academia de ginastica

Treino Esportivo

Espaço de recreação e lazer

2-Psicologia, formação e atuação profissional

2.1-Qual o conhecimento você tem acerca da psicologia?

2.2-Na sua trajetória de formação inicial (graduação) você teve contato com as problemáticas da psicologia? E qual a importância da temática para a sua atuação profissional?

2.3- Ainda em relação aos conhecimentos da psicologia, há inserção de temas referentes ao estudo do comportamento humano no seu trabalho pedagógico? descreva algum (s) exemplo (s):

3-Saúde mental e futebol

3.1-Quais os conhecimentos teóricos/práticos da saúde mental você considera relevante para o contexto do futebol?

3.2-De que maneira esses conhecimentos (saúde mental) ou temas que tratam do comportamento humano pode ajudá-lo no trato com os alunos nas aulas de futebol?

3.3-Na sua opinião e conforme seu acúmulo sobre saúde mental de que forma as ações/efeitos da prática do futebol podem ajudar os jovens/adolescente com problemas de adoecimento mental, sintomas de ansiedade e depressão?

3.4-Diante do exposto, você enxerga limitações relacionadas as práticas futebolísticas e a saúde mental? Se sim, como superá-las?

3.5-Possui perguntas e/ou dúvidas acerca da pesquisa a serem sanadas posteriormente?

APÊNDICE II – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Declaro que li o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE da pesquisa "SAÚDE MENTAL E FUTEBOL: OS CONHECIMENTOS REFERENTES A SAÚDE MENTAL DOS PROFESSORES QUE ATUAM COM O FUTEBOL- TCLE para que atendamos os requisitos éticos da pesquisa. Eu tenho conhecimento dos objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso da entrevista especificada no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, a professora-pesquisadora XXXXXXXX e o discente XXXXXXXX utilizarem os dados do questionário e, se necessário, realizar entrevista e/ou colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. Tendo ciência que esse material coletado constituirá como elemento para pesquisa futura, libero a utilização desta pesquisa e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências).